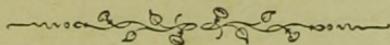


J. Reberis

Questão Grammatical



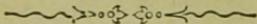
# QUESTÃO GRAMMATICAL



BIBLIOTECA MUNICIPAL  
"ORIGENES LESSA"

Tombo N.º \_\_\_\_\_

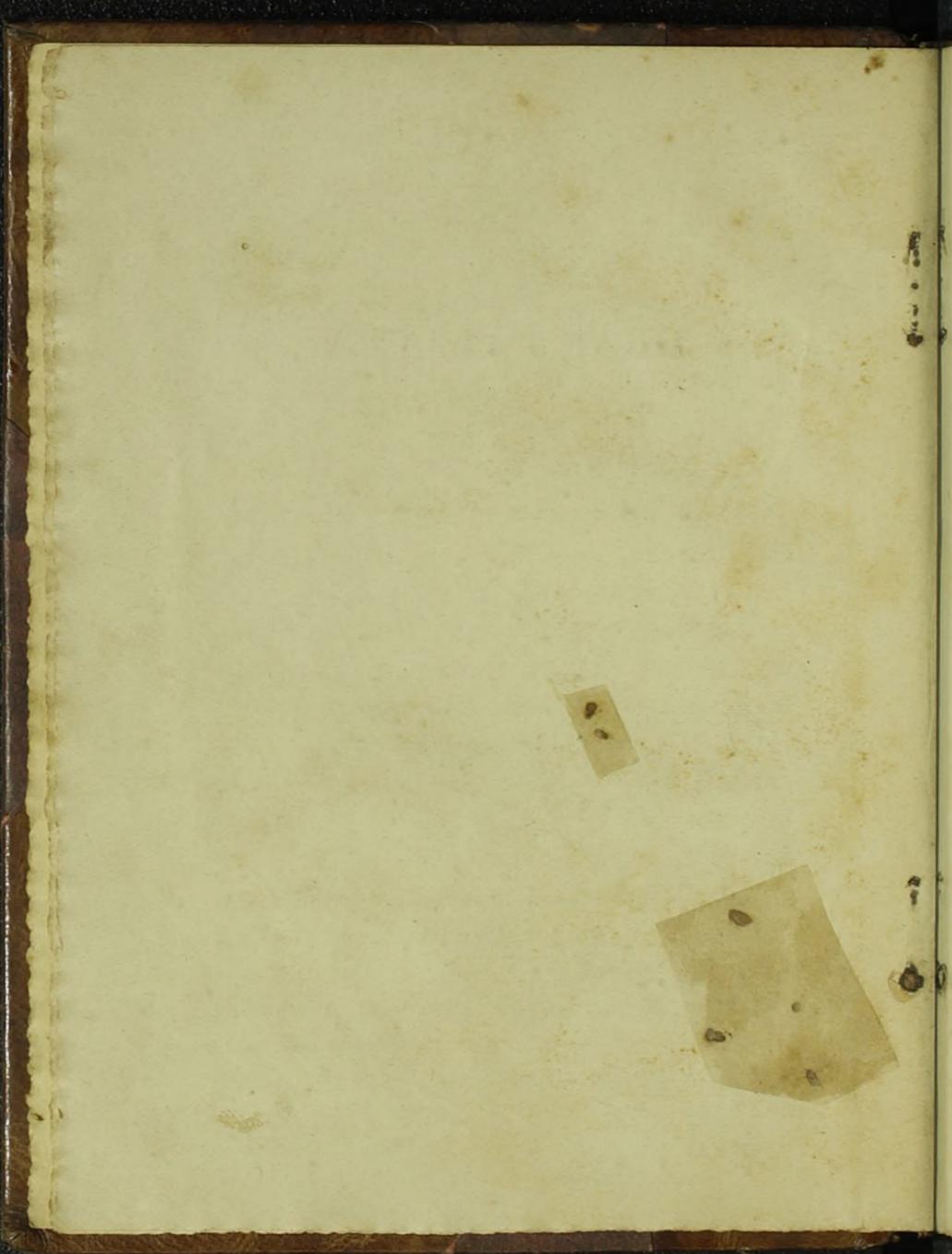
S. PAULO



TYP. J. LOUSADA & COMP. - S. PAULO

1887

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"  
*Lençóis Paulista - SP*



## DUAS PALAVRAS

O que vai neste folheto é a reprodução fiel de uma polemica grammatical, ferida ha já alguns annos.

Um dos contendores, o abaixo assignado, teve manifesta desvantagem nas condições da lucta: dispunha apenas de uma folha de Campinas, quando o seu adversario tinha por campo de torneio o mais lido dos jornaes da capital — *A Provincia de S. Paulo*.

Cumprindo uma promessa então feita, faz o infrascripto tirar hoje em folheto toda a discussão.

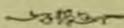
• Já se modificaram muitos dos seus modos de pensar relativos ao assumpto; sobre algumas questões, muito outras

são as theorias que elle hoje adopta : a lealdade, porém, prohibe que se altere o que quer que seja. Salvo a emenda de uma ou outra incorrecção typographica, sai a cousa como sahiu.

O publico paulista pôde agora julgar, pesando as razões de ambas as partes.

S. Paulo, 29 de Maio de 1887.

JULIO RIBEIRO.



## QUESTÃO GRAMMATICAL

### I

*O destino da humanidade  
depende do desenvolvimento  
futuro da linguagem.*

L. BUCHNER.

O que assigna ao homem a primazia sobre todos os entes vivos, o que o colloca acima dos outros animaes é a linguagem articulada.

Instrumento e interprete da intelligencia, ella accusa no homem uma conformação maravilhosa de cerebro, uma delicadeza quasi inconceptivel de systema nervoso.

E todavia essa conformação maravilhosa de cerebro e essa delicadeza quasi inconceptivel de systema nervoso estão sujeitas á lei fatal do progresso; a um aperfeiçoamento lento, mas incessante.

O instrumento por meio do qual se effectúa essa evolução progressiva é a linguagem articulada.

Verdade é que muitos animaes, sinão todos, communicam entre si os pensamentos que têm, referentes a sua vida habitual; usam de intonações de voz, de modulações que correspondem a intenções determinadas; traduzem de modos differentes o medo, a alegria, o soffrimento, a necessidade de comer, a de reproducção; fazem-se comprehender pelos companheiros, pela femea, pelos filhotes; advertem-se mutuamente da approximação, da natureza, da intensidade do perigo. Mas em geral não articulam. Alguns associam pequeno numero de vogaes e de consoantes: repetem, porém, mais do que variam.

Sob este ponto de vista a linguagem animal que mais se approxima da articulada é a dos passaros.

Particularisemos.

Ha uma *faculdade geral* chamada *de expressão* (Gaussin), commum ao homem e aos animaes, pela qual se liga uma idéia a um signal.

A expressão mimica e a voz são modos desta faculdade.

A mimica existe em todos os animaes. O cão que *amarra* a caça e que vira a cabeça para assegurar-se de que está seguido pelo amo, ou que arranha a uma porta para que lhe seja aberta, é disto uma prova.

Só o homem escreve, e não admira que seja elle o unico a fazel-o, porque a todos os outros animaes falta o necessario desenvolvimento cerebral e a conformação perfeita da mão.

E' só pela voz e pela mimica que se relacionam os animaes.

M. Condereau analysou com paciencia e capricho a linguagem tão variada da gallinha, as intonações multiplas correspondentes a cada ordem de idéias provocadas pelo numero limitado dos sentimentos e necessidades, em relação com a existencia modesta da conhecida ave (1).

Mas haverá nessa linguagem, haverá mesmo na linguagem expressiva do *bugio*, sons articulados, syllabas que formem o que chamamos *lingua*?

Certo que não.

A linguagem articulada exige:

- 1) Pensamento e vontade.
- 2) Faculdade geral de expressão.
- 3) Faculdade particular de articulação.
- 4) Transmissão pelos nervos.
- 5) Execução pelos musculos.

Estas funcções estão perfeitamente combinadas e largamente desenvolvidas no homem.

---

(1) TOPINARD, *Anthropologie*.

O animal tem idéias; possui a faculdade da expressão; emite sons quasi articulados: tudo isto é, porém, rudimentario.

No homem tudo tomou grandes proporções: suas idéias multiplicaram-se através dos seculos; sua faculdade de articular aperfeiçoou-se com a pratica; seus nervos e seus musculos aprenderam a obedecer-lhe com precisão.

Demais, a séde do exercicio da linguagem articulada está na parte esquerda do cerebro, na terceira circumvolução frontal, chamada *de Broca*.

Uma lesão aguda nessa região do cerebro produz a *aphasia* ou mutismo idiota, ou a *aphemia* ou perda da palavra com conservação da intelligencia.

Pelo estado pouco desenvolvido dessa circumvolução é que as raças humanas inferiores têm uma phonetica rude e pobre. O preto africano diz *pitóla*, o Chim diz *camalón*; não podem pronunciar *pistola*, *camarão*.

Nos animaes inferiores não existe a circumvolução de Broca: nos proprios anthropoides é ella rudimentaria.

O desenvolvimento da linguagem articulada está, pois, em proporção com o desenvolvimento do cerebro.

E, si o cerebro bem desenvolvido produz uma linguagem aperfeiçoada, claro está que, por uma razão de reciprocidade, aperfeiçoar a linguagem, methodisando-a, regularisando-a, simplificando-a, é fornecer ao cerebro meios de desenvolvimento, é alargar os horizontes á raça humana.

Esta verdade tornou-se patente aos pensadores modernos ; e das investigações a que procederam originou-se a linguistica, a philologia, a grammatica comparada.

Os trabalhos pacientes de W. Jones, de Bopp, de Schleicher, de Grimm, de Kuhn, de Chavé, de Spiegel, de J. Muller, de Whitney, de Bréal, de Hovelacque e de mil outros, têm, de cem annos a esta parte estabelecido em bases scientificas o estudo da linguagem, quer sob o ponto de vista physiologico, quer sob o ponto de vista historico e comparativo.

Decifrando inscrições, comparando textos, aproximando dialectos, classificando linguas, estudando as leis da phonação no jogo dos musculos, esses infatigaveis obreiros reduziram a sciencia o que parecia milagre e capricho ; mostraram que o dom assombroso que tem o homem de armazenar e de communicar as suas conquistas, é apenas um producto logico, naturalissimo da evolução sociologica, cerebral, physica.

O estudo da linguagem articulada é hoje uma parte essencial da anthropologia, e a grammatica é uma sciencia.

Longe vamos, felizmente, do dogmatismo feroz do padre Manuel Alvares, das utopias abstrusas de Leibnitz, da metaphysica subtil de Condillac.

*Longe vamos*, escrevi eu.

Longe vão os Allemães, os Inglezes, os Francezes, e até... os Russos.

Nós continuamos como estavamos, socegradamente, rotineiramente.

Ainda dividimos com toda a irracionalidade (a expressão é do sr. Theophilo Braga) a grammatica em quatro partes—*Etymologia*, *Syntaxe*, *Prosodia* e *Orthographia*; vamos adubando com muita subtileza soporifica um mixtiforio de *orações absolutas, principaes, approximadas, incidentes, integrantes, restrictivas, explicativas*; architectamos pyramides de complementos esdruxulos, ouriçados de distincções cerebrinas, e afinal de contas obtemos o resultado brilhante de não escrever duas linhas sem erros, e de fazer com que os rapazes fujam das classes de grammatica como o diabo da cruz.

Com effeito, á parte os trabalhos monumentaes de Adolpho Coelho, de Theophilo Braga e de Pacheco Junior (trabalhos desgraçadamente pouco

vulgarisados), o que vem á luz em Portuguez sobre grammatica é repetição do que disse Sotero dos Reis, que repetiu o que disse Soares Barbosa, que repetiu o que disse Lobato, que repetiu o que disse o padre Bento Pereira, que repetiu o que disse Amaro de Roboredo, que repetiu o que disseram es Affonsinhos, que repetiram o que lhes ensinou Noé, que o aprendeu de Mathusalem, que o aprendeu de Henoch, que o aprendeu de Seth, que o aprendeu de Adão!

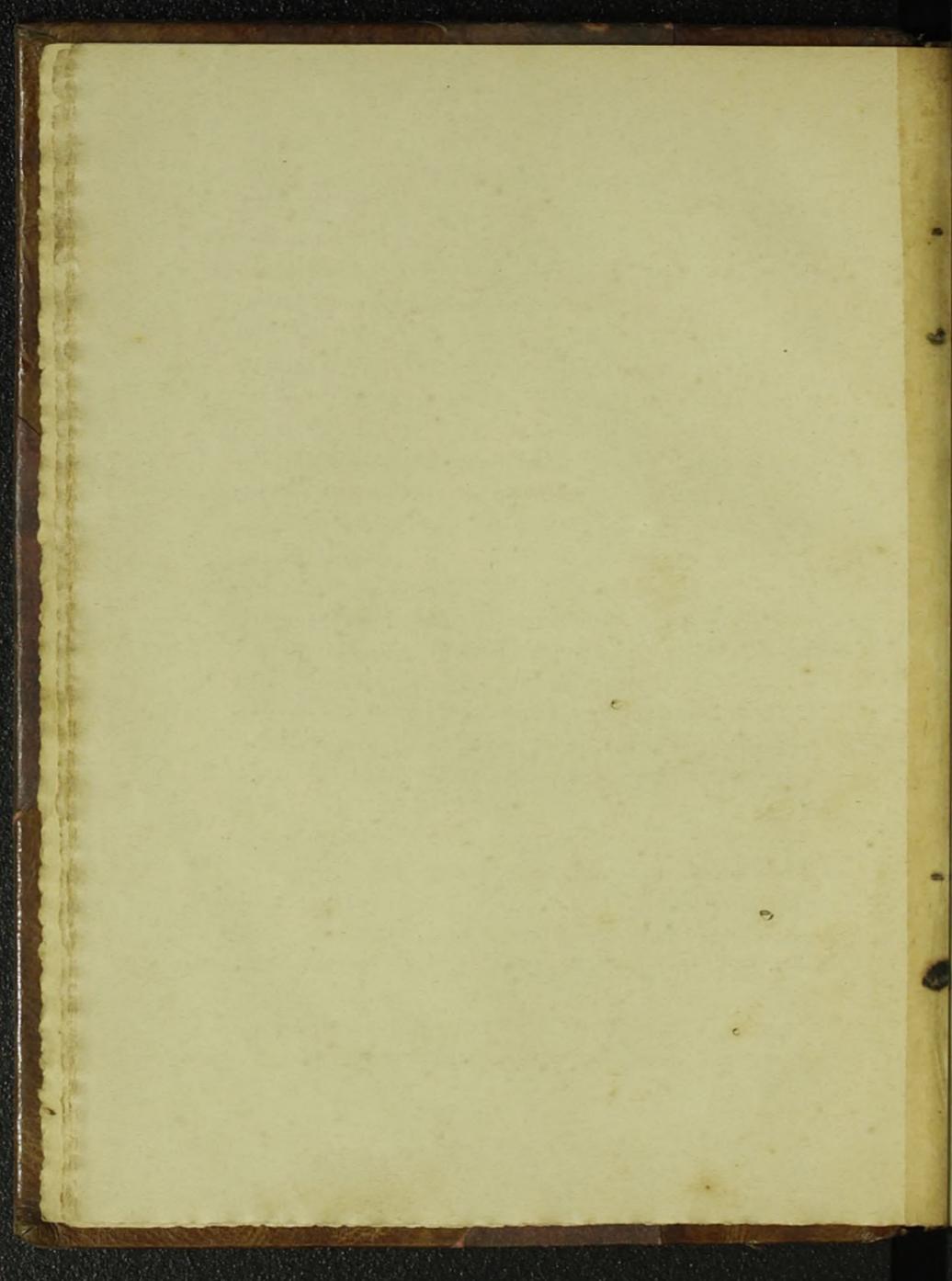
Popularisar o estudo da formação da voz no larynge, e da *articulação* na cavidade buccal; demonstrar a existencia do movel da palavra nas circumvoluções do cerebro, e nas redes do systema nervoso, analysar os factos linguisticos; colleccional-os e classifical-os pacientemente, scientificamente; deduzir delles leis sociologicas, biologicas e até physicas e generalisar essas leis; formar um corpo de doutrina positiva, provado, util, pratico: eis o que não fazemos e nem curamos de fazer.

Em outro artigo aventarei o que penso sobre algumas theorias grammaticaes.

( *Diario de Campinas* de 17 de Dezembro de 1879.

JULIO RIBEIRO.

~~-----~~



## II

*O destino da humanidade  
depende do desenvolvimento  
futuro da linguagem.*

L. BUCHNER.

« *Grammatica Geral* é a sciencia dos principios immutaveis e geraes da palavra pronunciada ou escripta em todas as linguas.

*Grammatica Particular* é a arte de applicar aos principios immutaveis e geraes da palavra as instituições arbitrarías e usuaes de qualquer lingua. »

Taes são as definições que se nos antolham ao abrirmos os compendios de grammatica mais em voga entre nós.

E ambas sob o ponto de vista pratico são defeituosas, sob o ponto de vista scientifico são falsas.

Sob o ponto de vista pratico são defeituosas, porque não levam luz á intelligencia do alumno,

que não sabe quaes sejam esses principios immutaveis e geraes da palavras a que elle *tem de applicar as instituições usuaes e arbitrarías (!)* da sua lingua.

Sob o ponto de vista scientifico são falsas :

1) Porque, restrictamente, os principios pelos quaes se rege a linguagem humana não são immutaveis: mudam com o desenvolvimento do cerebro sob a acção dos *meios* em que vivem as raças, sob a acção das necessidades, dos recursos, dos habitos. Um adulto não falla como uma criança, e nem um cidadão de hoje como um burguez da idade media. Si esses principios fossem immutaveis, nunca os sons mal articulados, proferidos pelo homem do *periodo terciario*, se teriam convertido nas linguas actuaes; nem mesmo haveria pluralidade de linguas.

2) *Principio geral* é pleonasmio grosseiro. Philosophicamente fallando, haverá *principios particulares*?

3) As instituições linguisticas não são *arbitrarías*: são consequencias demonstradas, logicas, fataes, da evolução cerebral, influenciada pelo clima, pela alimentação, pelo viver social, pelo *meio* emfim.

Ahi está, como prova, a lei de Grimm, formulada claramente, mathematicamente.

4) E' possível *applicar principios a instituições arbitrarías e usuaes*, mas *applicar instituições arbitrarías e usuaes a principios...* só si fosse possível applicar um factó a uma lei, ou uma nuca a um caustico!

O grande nome do grande Du Marsais não salva tão carunchosas definições de um naufragio vergonhoso.

Afundem em paz.

« Divide-se a grammatica portugueza em quatro partes que são:—*prosodia, etymologia, syntaxe e orthographia.* »

Com razão deu o sr. Theophilo Braga a qualificação de *irracionaes e velhas* a estas quatro categorias (1).

A accetal-as, temos, é verdade, a *prosodia* que « ensina a pronunciar as palavras correctamente », isto é, temos o tractado do accento tonico, mas onde fica o tractado dos sons elementares, da *materia prima* da linguagem articulada?

Pois á conta da pobre *etymologia*, que só tem por dever tractar da derivação historica, faremos correr a tarefa de classificar ideologicamente as

---

(1) *Grammatica Portugueza*, Advertencia, pagina IX.

palavras, e a de flexional-as segundo a sua natureza?

Será a orthographia uma parte distincta da grammatica, ou não passará de uma subdivisão phonologica, que tenha por fim estabelecer leis para a representação graphica dos sons!

Considerando a *Grammatica* como o conjuncto das leis e principios porque se governa a Linguagem, definamol-a com Holmes—*Sciencia da Linguagem* (1).

Depois de assim definil-a, passemos a estabelecer-lhe as divisões com methodo, com logica, com bom senso.

As palavras de que se compõe qualquer sentença apresentam-se-nos sempre á mente sob um duplo aspecto:

1) consideradas em si, separadas, como entidades linguisticas individuaes.

-----

(1) « *Linguagem* é o termo generico proprio da manifestação dos pensamentos por meio de sons articulados, e não exprime, como diz o sr. d. F. de S. Luiz, em geral qualquer meio artificial ou natural de que nos servimos para communicar aos outros os nossos pensamentos, sinão em estylo figurado. »

CONSTANCIO.

2) consideradas em sua coordenação, agrupadas, como todos linguisticos collectivos.

Dahi a divisão natural, logica, necessaria da grammatica em duas partes (1):

1) A que considera as palavras isoladas, já em seus elementos materiaes ou sons, já em seus elementos morphicos ou formas. Dar-lhe-emos o nome de *Lexeologia* (do Grego *lexis*, *lexeos*, palavra, e *logos*, *logou*, discurso, tractado.)

2) A que considera as palavras como coordenadas ente si para formar sentença. Chamal-amos *Syntaxe* (do grego *sun* com, *taxis*, *taxeos* ordem, classificação.)

As palavras isoladas podem ser consideradas sob o ponto de vista phonico, isto é, como compostas de sons; e sob o ponto de vista morphico, isto é, com relação às formas de que se revestem.

Subdividiremos, pois, a *Lexeologia* em *Phono-*

---

(1) BURGRAFF, *Principes de Grammaire Générale*, pag. 11; ALLEN AND CORNWELL *English Grammar*, pag. 9; AYER, *Grammaire Comparée de la Langue Française*, pag. 12; BASTIN, *Étude de Philologie de la Langue Française*, vol. 1, pag. 1.

*logia* (do Grego *phoné* som, voz) e *Morphologia* (do Grego *morphé*, forma.)

A *Phonologia* considera os sons :

1) isolados, como elementos constitutivos das palavras;

2) agrupados, sob a acção do accento tonico ou syllaba predominante;

3) representados graphicamente.

Segue-se, pois, a subdivisão da *Phonologia* em

1) *Phonetica* (da mesma palavra grega *phoné*), ou tractado dos sons elementares, materia prima da linguagem.

2) *Prosodia* (do Grego *prosodia* accentuação), ou tractado do accento tonico.

3) *Orthographia* (do Grego *orthos* direito e *graphé* escripta), ou tractado da representação graphica dos sons.

A *Morphologia* considera as palavras :

1) como formando grupos correspondentes aos grupos de idéias que constituem o pensamento;

2) como revestindo-se de formas flexionaes;

3) como originando-se umas de outras.

Temos, pois, a subdivisão da *Morphologia* em

1) *Taxonomia* (do Grego *taxis*, *taxeos* ordem, classificação, *nomos*, *nomou* lei), ou tractado da classificação das palavras.

2) *Kampenomia* (do Grego *kampé* flexão), ou tractado da flexão das palavras.

3) *Etymologia* (do Grego *etimos* verdadeiro, real), ou tractado da derivação das palavras.

A *Syntaxe* trata da coordenação das palavras entre si para formar sentenças, e da coordenação de sentenças entre si para formar sentido completo.

E' natural, pois, dividil-a em

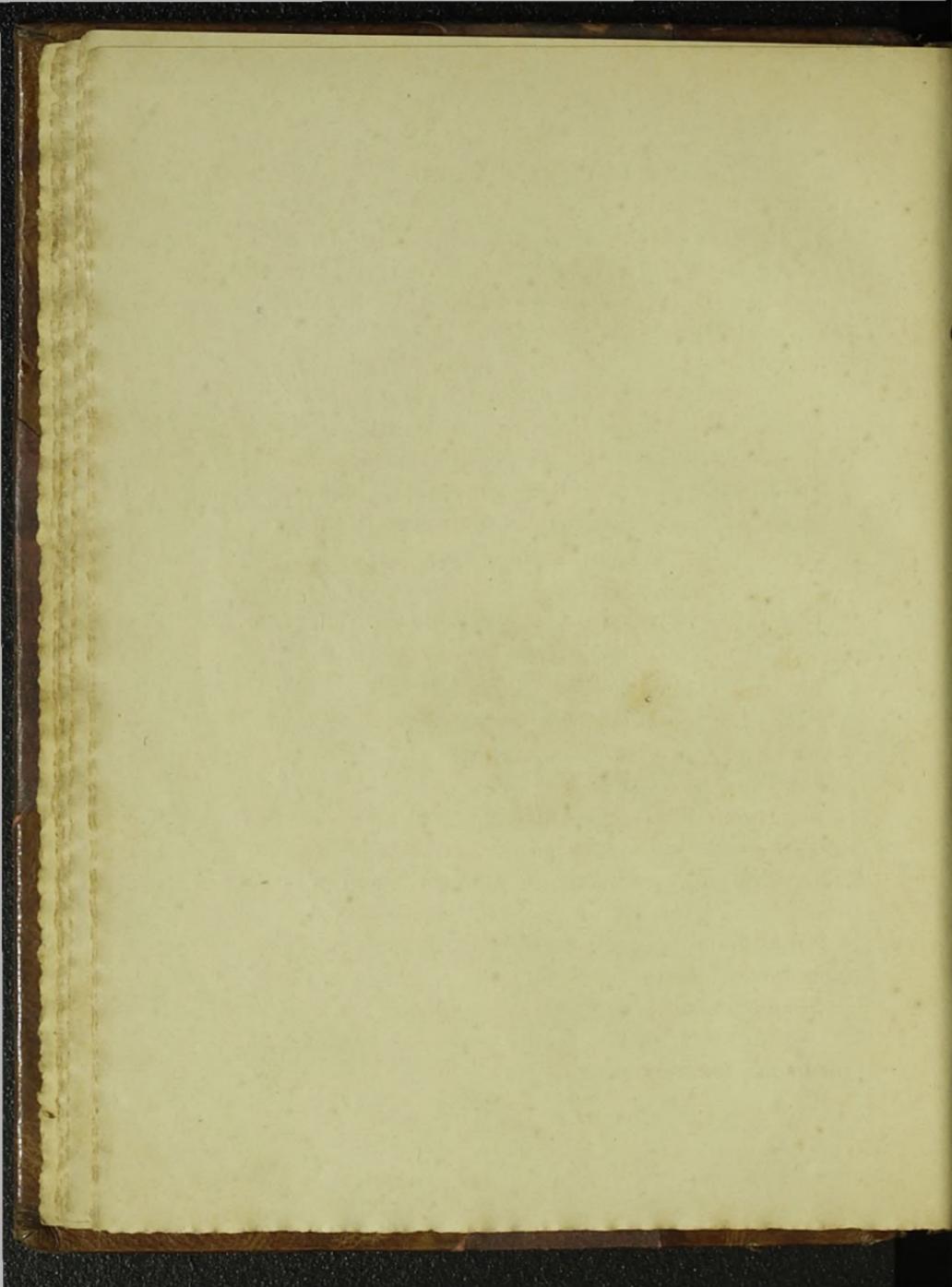
1) *Syntaxe Lexica* (das raizes gregas já acima consideradas), ou *Syntaxe de Palavras*;

2) *Syntaxe Logica* (das raizes gregas já também acima exaradas), ou *Syntaxe de Sentenças*.

Em outro artigo direi porque, seguindo os mestres inglezes, prefiro o termo *sentença* a periodo, e entrarei em maiores particularisações.

( *Diario de Campinas*, de 18 de Dezembro de 1879.)

JULIO RIBEIRO.



### III

*O destino da humanidade  
depende do desenvolvimento  
futuro da linguagem.*

L. BUCHNER.

Em meu ultimo artigo usei do termo *sentença* em vez do termo *periodo*.

Foi uma innovação.

Ora innovações desnecessarias revelam apenas toleima por parte de quem as faz.

Preciso é, pois, justificar-me.

As grammaticas inglezas dão o nome de *sentença* á coordenação de palavras, formando sentido completo: só fallam de *periodo* como *ponto final*.

¿Que temos nós com as grammaticas inglezas? perguntar-me-ão.

Temos muito, temos tudo, respondo.

Os Inglezes sabem fazer as cousas, pensam, meditam, têm bom senso.

E de bom senso é que nós precisamos. Tome-mol-os, quanto possível, para mestres.

*Sentença* (do Latim *sententia* concepção da mente, expressão completa, juízo) é o termo proprio para significar o resultado do acto intellectual pelo qual predicamos uma cousa de outra; é o termo de Cicero (1) e de outros grammaticos romanos.

*Periodo* (do Grego *periodos* caminho ao redor, circuito, ambito) é termo rhetorico: note-se bem *rhetorico*, significa um composto de muitas sentenças presas umas ás outras, formando um todo ornado, cadente, melodioso. Foi nesse sentido que o empregaram Aristoteles (2), Cicero (3), Quintiliano (4) e outros.

Girault-Duvivier (5), citando a Beauzée, define o *periodo*:—« Uma phrase formada de muitas posições que não são partes integrantes umas das outras, mas que estão de tal modo ligadas que umas suppõem necessariamente as outras, para plenitude do sentido total. »

---

(1) *De Oratoribus*, I, cap. 2.º

(2) *Rhetorica*, 3, 9, 3.

(3) *Orator*, LXI.

(4) Livro IV, cap. 9.

(5) *Grammaire des Grammaires*, chap. XIV, § II.

E logo, mas mesmo logo, em seguida, accrescenta: — « Período simples é o que tem um só membro, como: *Só a virtude é amavel.* »

Conclue-se que o período é uma phrase formada de muitas proposições e que póde ter *um só membro !!*

O bom senso desfeiteado cobre o rosto.

Deixemos, porém, afogarem-se em dislates metaphysicos Beauzéc, Girault e seus thuriferarios, e vamos pedir á physiologia alguma cousa menos nebulosa sobre a linguagem articulada.

*Phonetica* é o tractado dos sons articulados, considerados em sua maxima simplicidade, como elementos constitutivos da palavra.

*Som* é a impressão produzida no orgam auditivo pelas vibrações isokronas do ar.

*Voz* é o som laryngeo de que servem os animaes para estabelecer entre si certas relações.

O orgam essencial para a producção de vozes é o *larynge*: os *pulmões* representam o papel de um folle, e a *trikhea-arteria* o de um porta-vento.

*Voz articulada* é a voz humana modificada por movimento voluntario do *tubo vocal*.

O aparelho, pois, da voz articalada é o tubo vocal, isto é, o *pharynje*, a *bocca* e as *fossas nasales*.

O larynge humano tem dous estreitamentos

formados por dous pares de linguetas—*glotte inferior e glotte superior*.

Em geral a denominação *glotte* comprehende-os ambos.

Através da *glotte* effectuam-se a aspiração e a expiração : durante esta é que se-produzem as vozes, cuja intensidade está sempre na razão directa da força com que é expellido o ar.

As vozes vão modificar-se especialmente na parte superior do tubo vocal. E' este um apparelho composto de membranas e de musculos ; tem *organs moveis e organs immoveis*.

Os *organs moveis* são :

1 ) O *véo do paladar*, divisão musculo-membranosa, quasi quadrilateral, cuja margem superior apega-se á abobada palatina, ao passo que a inferior fluctua livre sobre a base da lingua, apresentando em sua parte media a saliencia chamada *uvula ou campainha*, e continuando-se de cada lado com a lingua e com o pharynge, por meio das pregas conhecidas anatomicamente por *pilares do véo do paladar*.

2 ) A *lingua* corpo musculoso, maravilhosa-mente flexivel, que, ligado em parte á mandibula inferior, contrai-se, alonga-se, dobra-se, podendo ir tocar com a sua extremidade quasi todos os pontos da cavidade buccal. Comparam-n-a pitto-

rescamente e com muita justeza ao badalo de um sino.

3) As *faces* e os *labios*. Os labios formam a abertura da bocca e, fechados elles, torna-se impossivel a emissão de vozes articuladas.

4) A arcada *dentaria inferior*.

Os orgams immoveis são :

1) As *fossas nasales*.

2) A *abobada palatina*.

3) A *arcada dentaria superior*.

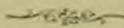
Cerrar os dentes não impede a passagem do ar : póde-se, pois, fallar com os dentes cerrados.

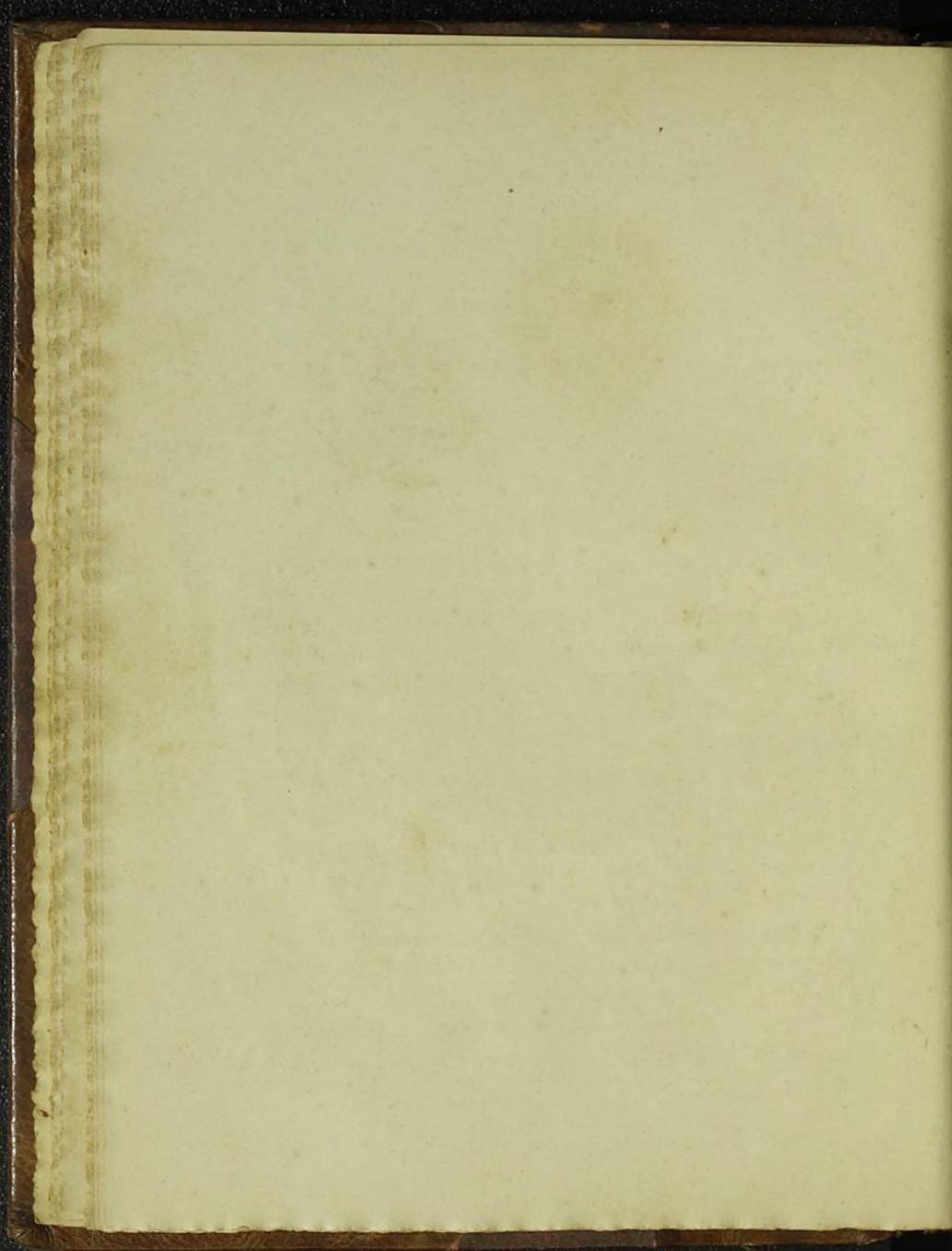
Eis, em resumo, o mekhanismo da palavra : o ar exspirado pelos pulmões entra em vibração no larynge, onde se forma a *voz*, e atravessa a bocca, onde se faz a *articulação*. Os musculos do larynge modificam a primeira ; os do véo do paladar, da lingua, das faces e dos labios se encarregam da segunda.

Em outro artigo mostrarei o jogo destes orgams, e a formação do vocalismo portuguez.

( *Diario de Campinas*, de 21 de Dezembro de 1879.)

JULIO RIBEIRO.





#### IV

*O destino da humanidade  
depende do desenvolvimento  
futuro da linguagem.*

L. BUCHNER.

De tres maneiras modifica-se o aparelho vocal na prolação de sons laryngeos: ha, conseguintemente, tres categorias de vozes articuladas, a saber: *Vozes Livres, Vozes Constrictas, Vozes Explodidas.*

A velha distribuição dos elementos phonicos em *sons simples* e em *consonancias* provém da observação imperfeita que dos phenomenos de vocalisação têm feito os grammaticos.

De facto, á luz de analyse rigorosa, tanto *vozes* como *consonancias* são sons laryngeos, são vozes propriamente ditas, que se modificam no atravessar a parte superior do tubo vocal.

O erro dos grammaticos consiste na apreciação falsa dos ruidos da boca, ou de qualquer outra

parte do aparelho de phonação: todo o som laryngeo é *voz* a que *dá modo de ser*, a que *imprime forma* o jogo continuo ou momentaneo dos orgams moveis da boca.

Os grammaticos da India conheceram e discriminaram bem estes factos: as vozes chamaram elles *svara* (sons), ao passo que as pretendidas consonancias deram o nome de *vyanjana* (o que torna distincto) (1).

E', pois, muito para lastimar que se vão perpetuando cassificações absurdas, e ainda mais que, sob a denominação de *vogaes* e de *consoantes*, confundam-se kharacteres representantes e sons representados.

Todos os sons laryngeos que têm passagem livre pelo tubo vocal mais ou menos alongado são *Vozes Livres*.

De todos os elementos da linguagem o menos complexo, o que com mór facilidade se produz, é a voz livre *a*: consiste ella em uma mera emissão de som laryngeo por entre os labios descerrados.

A voz livre *i* é produzida pela maxima dilatação horisontal da boca, ou, em outros termos é a voz

---

(1) MAX MULLER, *Nouvelles Leçons sur la Science du Langage*, vol. 1, pag. 155.

livre em cuja enunciação a abertura oral estende-se longitudinalmente até o ultimo grau.

A prolação da voz livre opposta *u* effectua-se pela maxima approximação dos cantos da boca, durante a emissão do som.

As outras vozes livres são intermediarias em relação ás tres principaes: assim *e* fica entre *a* e *i*; *o* fica entre *a* e *u*,

Em Francez representa-se frequentemente *e* por *ai*, e *o* por *au*, ex. *maison*, *vrai*; *auteur*, *chaud*.

As vozes livres podem ser classificadas segundo os organs que mais concorrem para sua formação; *a* é, pois, guttural; *i* palatal; *u* labial.

Si na emissão de vozes livres contrai-se o véo do paladar de modo que passe o ar para as fossas nasaes, obtêm-se as vozes *an*, *en*, *in*, *on*, *un*, chamadas *compostas* ou *nasaes*, em opposição ás primeiras *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, consideradas *puras*.

Todos os sons laryngeos modificados por estreitamento parcial do tubo vocal são *Vozes Constrictas*.

Esse estreitamento do tubo vocal pôde se dar em diversos pontos: ao nivel mais ou menos do meio da lingua produz *che*, *je*, *lhe*, *nhe*; na altura da ponta da lingua, *se*, *ze*: entre a ponta da lingua e a parte posterior dos dentes incisivos superiores, *ne*; entre o labio inferior e a borda

dos mesmos dentes incisivos, *fe, ve*; entre os labios, *me*. Para pronunciar *le*, que é *re* enfraquecido, a ponta da lingua achata-se de encontro ao paladar, e a voz passa pelos vãos que ficam entre a lingua e as partes lateraes das arcadas dentarias. *Re* é um som vibrante rolado.

Todos os sons laryngeos modificados por oclusão subita e completa do tubo vocal em qualquer de seus pontos são *Vozes Explodidas*.

Variam estas vozes conforme o ponto do tubo vocal em que se opera a oclusão: tendo ella logar entre o meio da lingua e a abobada palatina, produzem-se *ke, ghe*; entre a ponta da lingua e a parte posterior dos dentes incisivos superiores, estando um tanto separadas as arcadas dentarias, effectuam-se *te, de*; entre os labios obtem-se *pe, be*. Quando o som se faz ouvir no momento em que separaram-se os pontos oclusos do tubo vocal, ha explosão que póde ser precedida de mormurio vocal, de um como esforço primo para vencer o obstaculo.

Em resumo, si se quer distinguir estas tres ordens de vozes basta determinar:

1) Para as *Vozes Livres*, a fórma do tubo vocal.

2) Para as *Vozes Constrictas*, o ponto de estreitamento do mesmo tubo.

3) Para as *Vozes Explodidas*, os orgams que operam a oclusão d'elle.

As *Vozes Livres Puras* mais importantes da lingua portugueza são oito:

- |                |                  |                        |
|----------------|------------------|------------------------|
| 1 <sup>a</sup> | <i>a</i> agudo   | como em <i>chá</i> ;   |
| 2 <sup>a</sup> | <i>a</i> grave   | como em <i>mesa</i> ;  |
| 3 <sup>a</sup> | <i>e</i> agudo   | como em <i>pé</i> ;    |
| 4 <sup>a</sup> | <i>e</i> fechado | como em <i>mercê</i> ; |
| 5 <sup>a</sup> | <i>i</i> commum  | como em <i>util</i> ;  |
| 6 <sup>a</sup> | <i>o</i> aberto  | como em <i>mó</i> ;    |
| 7 <sup>a</sup> | <i>o</i> fechado | como em <i>avó</i> ;   |
| 8 <sup>a</sup> | <i>u</i> commum  | como em <i>sul</i> .   |

As vozes livres puras, estudadas á luz de analyse severa, apresentam gradações em numero infinito; todavia, para as necessidades da pratica, bastam algumas principaes de entre ellas, as quaes possam servir de typos a todas as outras.

As oito vozes livres puras, acima especificadas, capitulam todas as vozes livres puras da lingua portugueza, aliás abundantissimas.

As *Vozes Livres Compostas* ou *Nasas* mais importantes da lingua portugueza são cinco :

- |                |           |                               |
|----------------|-----------|-------------------------------|
| 1 <sup>a</sup> | <i>an</i> | como em <i>tampa, canja</i> ; |
| 2 <sup>a</sup> | <i>en</i> | como em <i>tempo, dento</i> ; |

- 3<sup>a</sup> *in* como em *límpo, tinta*;  
4<sup>a</sup> *on* como em *tombo, sonda*;  
5<sup>a</sup> *un* como em *tumba, mundo*.

As *Vozes Constrictas e Explodidas* da lingua portugueza são dezenove:

- 1<sup>a</sup> *be* como em *boi*;  
2<sup>a</sup> *ke* como em *cal*;  
3<sup>a</sup> *de* como em *dó*;  
4<sup>a</sup> *fe* como em *fê*;  
5<sup>a</sup> *ghe* como em *gado*;  
6<sup>a</sup> *je* como em *já*;  
7<sup>a</sup> *le* como em *luz*;  
8<sup>a</sup> *me* como em *mó*;  
9<sup>a</sup> *ne* como em *nó*;  
10<sup>a</sup> *pe* como em *pó*;  
11<sup>a</sup> *re* como em *caro*;  
12<sup>a</sup> *rre* como em *rei*;  
13<sup>a</sup> *se* como em *sol*;  
14<sup>a</sup> *te* como em *til*;  
15<sup>a</sup> *ve* como em *voz*;  
16<sup>a</sup> *ze* como em *zebra*;  
17<sup>a</sup> *nhe* como em *chá*;

18<sup>a</sup> *the* como em *lhama*;

19<sup>a</sup> *nhe* como em *cunha*.

Trinta e duas são, pois, as vozes elementares essenciaes da lingua portugueza (1).

Ha mais dous sons distinctos, banidos hoje do uso da gente culta: *dje*, *tche*.

Os caipiras desta provincia pronunciam *dgente* *djogo*. Os mesmos e tambem os Beirões e Transmontanos dizem *tchapés*, *tchave*.

Frederico Diez pensa que *dje*, *tche*, são as fórmas primitivas de *je*, *che*, e tudo leva a crer que realmente o são.

*Dje* é som romanico genuino: existe em Provençal, em Italiano, e no seculo XIII existia no Francez, que o transmittiu ao Inglez, onde até agora se acha, ex. *Jealousy*. Em escriptos latinos do seculo IX encontram-se as fórmas *Pegiorentur*, *Pediorentur* por *Pejorentur*.

*Tche* é tambem som romanico castiço; existe em Provençal, em Italiano, em Hespanhol, e existiu no Francez, donde passou para o Inglez que ainda hoje o conserva, ex. *Chamber*.

(1) Não se contam os diphthongos, porque são vozes contractas, complexas, formadas de duas vozes simples.

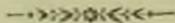
Tambem se não contam pela mesma razão as modificações compostas como, *gr*, *pl*, etc.

A existencia de ambas estas fôrmas no fallar do interior do Brazil prova que estavam ellas em uso entre os colonos portuguezes do seculo XVI. A antiguidade e a vernaculidade do *tche* attestam-se pela sua permanencia na linguagem da Beira e de Trás-os-Montes: como se sabe, o povo rude é sempre conservador tenaz dos elementos arkhaiscos das linguas.

Em outro artigo tractarei das numerosas lacunas que sobre *prosodia* e *orthographia* existem em nossas grammaticas.

(*Diario de Campinas* de de Dezembro de 1879.)

JULIO RIBEIRO.



Breves reflexões suggeridas pela leitura dos artigos sobre philologia publicados pelo sr. Julio Ribeiro (\*).

I

Somos, ha muito, cultor acerrimo da grammatica e lingua nacional, em cujo estudo temos procurado apropriar-nos da verdadeira doutrina.

Nutrimos, por isso a convicção de ter acompanhado o progresso da sciencia, e de ensinar o que ha nella de melhor.

Entretanto, nos seus artigos sobre philologia, que estão sendo publicados no *Diario de Campinas*, diz-nos o sr. Julio Ribeiro, refutando doutrinas que de longa data fizemos nossas, que exceptuados os srs. Adolpho Coelho, Theophilo Braga e Pacheco Junior, estão todos os mais em erro na sciencia grammatical, desde o *fixat lux* do Padre Eterno.

E' o que se depreheende do seguinte trecho que adrede para aqui transcrevemos :

---

(\*) Respeitemos escrupulosamen'e a orthographia e a pontuação do auctor.

«Com effeito, á parte os trabalhos monumentaes de Adolpho Coelho, de Theophilo Braga e de Pacheco Junior (trabalhos desgraçadamente pouco vulgarisados), o que vem á luz em Portuguez sobre grammatica é repetição do que disse Sotero dos Reis, que repetiu o que disse Soares Barbosa, que repetiu o que disse Lobato, que repetiu o que disse o padre Bento Pereira, que repetiu o que disse Amaro de Roboredo, que repetiu o que disseram os Affonsinhos, que repetiram o que lhes ensinou Noé, que o aprendeu de Mathusalem, que o aprendeu de Henoch, que o aprendeu de Seth, que o aprendeu de Adão!»

Se não soubessemos que é o sr. Julio Ribeiro mui lido em assumptos affinentes á vernaculidade, diriamos que nunca leu, já não dizemos as grammaticas de Lobato, do padre Bento Pereira e de Amaro de Roboredo, que não conhecemos, e as dos Affonsinhos e ante diluvianas, que não consta existissem, mas sim a nossa, a de Sotero e a de Soares Barbosa.

Prescindimos de confrontar a nossa grammatica com a de Sotero. Qualquer espirito desprevenido, que as cotejar, verá que na nossa ha muita cousa que não se encontra na de Sotero, se bem nos tenhamos apropriado de muitas das suas opiniões. Mas, tanto é o respeito que votamos á memoria

de Sotero, nosso mestre de outr'ora no Lyceu de S. Luiz do Maranhão, que sentimo-nos honrado com o asserto do sr. Julio Ribeiro, em que nos considera repetidor de suas doutrinas.

O confronto da grammatica de Francisco Sotero dos Reis com a de Jeronymo Soares de Barbosa repelle por si só a inverdade do que sobre estes dous grammaticos diz o topico mencionado. Soares de Barbosa tractou detidamente das quatro partes da grammatica; ao passo que Sotero cuidou mais da etymologia e syntaxe. Aquelle, admittindo na etymologia apenas seis especies de palavras, tem na maior parte dos casos uma nomenclatura e doutrinas todas suas; este classifica as palavras em oito especies, e adopta, com leves differenças, a terminologia geralmente acccita. O primeiro sobre uma linguagem arida e ás vezes abstrusa, tem opiniões inteiramente avessas ás de Sotero, que prima pela clareza, e por um estylo ameno e agradavel. O grammatico portuguez divide a syntaxe em *syntaxe* propriamente dita e em *construcção*; e subdivide aquella em *syntaxe de concordancia* e de *regencia* tractando ao mesmo tempo do que é referente ás palavras e ás proposições, e esta em *construcção directa*, *invertida* e *interrupta*, além de adoptar uma doutrina sobre as proposições deficiente e

summamente complicada; entretanto que pelo grammatico maranhense é o estudo da syntaxe desenvolvido sob um plano inteiramente novo, pois dividiu-a em *syntaxe de palavras* e *de proposições*, explanando naquella a collocação das palavras, e nesta a das proposições, sob as relações que entre umas e outras se dão; e isto por modo muito diverso do dos outros grammaticos, e em certos respeito até com innovação. Se descessemos a uma analyse circumstanciada destas duas grammaticas, differenças mais palmares teriamos de notar, as quaes não podem ser adduzidas em um trabalho como este. feito ao correr da penna.

Das grammaticas de Lobato, Bento Pereira e Amaro de Roboredo nada diremos, porque, como já ficou declarado, não as conhecemos.

Na dos Affonsinhos nunca ouvimos fallar.

E quanto ás ante-diluvianas, tambem cousa alguma podemos dizer, por nos vedar o diluvio universal, que necessariamente destruiu as grammaticas portuguezas compostas por Noé, Mathusalem, Henoch, Seth e Adão, visto não constar que dellas fosse recolhido á arca exemplar algum, como fizeram com os casaes dos animaes então existentes.

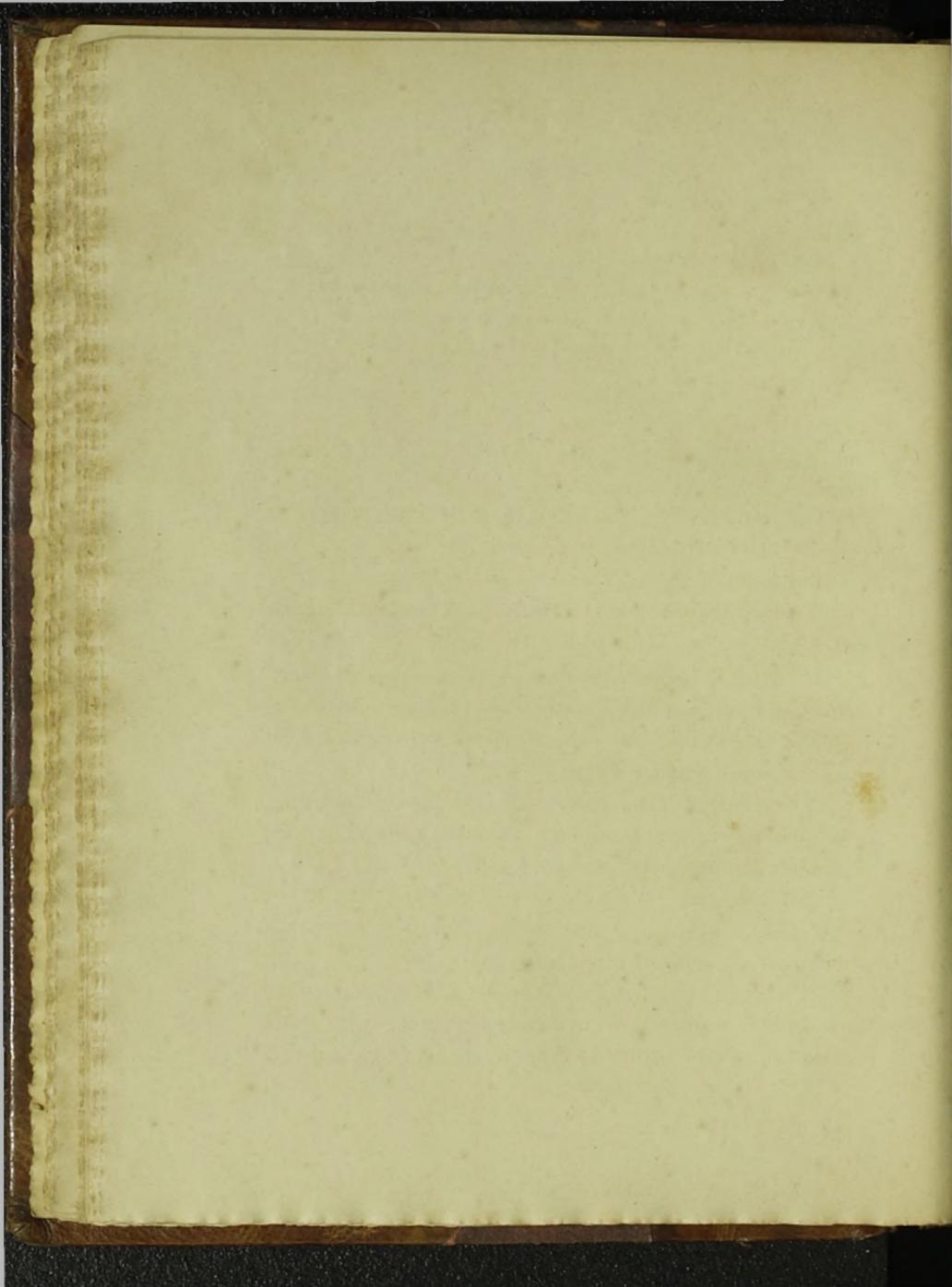
E' pena que Noé tivesse tido tal descuido. Fi-

camos privados de livros que seriam de grande preço, por tractarem de uma lingua que ainda não era fallada, e que de certo por diversão foi transmittida pela Divindade ao pae Adão, que a ensinou a Seth, que a ensinou a Henoch, que a ensinou a Mathusalém, que a ensinou a Noé, que, em razão da destruição pelo diluvio das grammaticas ante-diluvianas, a transmittiu de viva voz aos seus descendentes, que, por seu turno a transmittiram ás gerações subseqüentes até a actual.

Se assim é, a lingua portugueza existe desde o principio do mundo. Existindo desde o principio do mundo, não se deriva da latina. Baldulos, pois, são os trabalhos de Diez, e dos srs. Adolpho Coelho, Theophilo Braga e outros, elaborados com o fim de provar que procede ella do latim, e falseada fica em seus principios a grammatica comparada do sr. Julio Ribeiro, que me consta ter de entrar breve para o prélo, por faltar-lhe a base morphologica e phonetica, fornecida pela glottica.

(*Provincia de S. Paulo*, de 27 de Dezembro de 1879.)

AUGUSTO FREIRE DA SILVA.



**Breves reflexões suggeridas pela leitura dos artigos sobre philologia publicados pelo sr. Julio Ribeiro.**

II

Censura o sr. Julio Ribeiro a divisão até aqui feita da grammatica em *prosodia*, *orthographia*, *etymologia* e *syntaxe*.

Tractemos de vêr como tem sido entendida esta divisão.

O estudo das palavras, objecto da grammatica, faz-se meehanica ou logicamente, considerando-se as palavras, ou como meros vocabulos, ou como rigorosas palavras.

No primeiro caso, tem-se em attenção apenas a fôrma ou o material do vocabulo, no segundo, a idea que exprime.

A fôrma do vocabulo é considerada sob dous pontos de vista, ou em seus elementos phoneticos, ou em seus elementos graphicos.

O estudo, pois, dos elementos phoneticos ou dos sons elementares e fundamentaes, isto é, de tudo quanto entende com a correcta pronuncia

delles, e, portanto, dos vocabulos, constitue a *prosodia*.

O estudo dos elementos graphicos ou das letras, isto é, de tudo quanto entende com a correcta escriptura dos vocabulos, constitue a *orthographia*.

E' certo que o termo *prosodia*, rigorosamente considerado, tem uma accepção restricta, qual a de significar o estudo da quantidade e do accento ou tom da voz. Ha muito, porém, que os grammaticos o aceitam com a significação lata da palavra *orthoépia*, ou como a parte da grammatica, que ensina a correcta pronuncia dos vocabulos.

Se o termo *prosodia* tem hoje tal significação, que vantagem ha em substituil-o por *phonologia*, que tem significação restricta, como se vê de *phoné*, primeiro elemento componente desta palavra, o qual quer dizer *som* ou *voz*?

Quer o sr. Julio Ribeiro que *prosodia* signifique apenas tractado do accento tonico.

Devia querer tambem que *phonologia* significasse só tractado dos sons. Com esta accepção é que é este termo usado tanto pelo sr. Adolpho Coelho como pelo sr. Theophilo Braga.

Com o mesmo direito com que estende a significação da palavra *phonologia*, fazendo compre-

hender-se nella até a *orthographia*, estenderam os grammaticos a significação do termo *prosodia*, com acceitação de profundos pensadores deste e de outros seculos.

Estudo bem distincto da *prosodia* é a *orthographia*; e, como se vê dos elementos de que se fórma este termo, *orthos* (direito) e *graphê* (escripta), é elle o mais proprio para designar a parte da grammatica, que ensina a escrever correctamente as palavras.

Comprehendel-a no termo *phonologia* é querer que *phonê* (som ou voz), signifique o mesmo que *graphê* (escripta), é baralhar idéas inteiramente distinctas, é não ser methodico, é ser arbitrario.

Mais consequente foi o sr. Theophilo Braga; julga inutil estabelecer regras em uma grammatica sobre *orthographia*; mas reconhece sua existencia, como um corpo de doutrinas diverso das outras partes da grammatica.

No estudo dos vocabulos, como rigorosas palavras, como signaes de nossas idéas, ou são elles classificados em especies distinctas, segundo as idéas que enunciam, ou segundo as suas propriedades caracteristicas; ou são combinadas, conforme as suas relações de nexos, de concordancia e de subordinação, em enunciados de

juizos ou proposições, que, por sua vez, se entrelaçam, para se formar o período composto, ou o enunciado do raciocínio. Compreende este estudo logico das palavras a *etymologia* e a *syntaxe*.

A *etymologia*, pois, é a parte da grammatica, que ensina a conhecer a natureza e a origem ideologica das palavras; e a *syntaxe* a parte da grammatica, que ensina a coordenar as palavras e as proposições.

O termo *morphologia*, como se vê do seu elemento *morphé* (fôrma), designa o estudo das fôrmas dos vocabulos. Está este modo de entendel-o de harmonia com a sua accepção propria, na qual significa *a historia das fôrmas que pôde tomar a materia* (1).

Não pôde, portanto, comprehender em si a *etymologia*, como quer o sr. Julio Ribeiro, nem substituil-a, como ensina o sr. Theophilo Braga, porque na *etymologia* o estudo das fôrmas dos vocabulos é todo accidental; se se tracta nella das flexões, é por causa das varias idéas, que por meio dellas, exprimem os vocabulos. E tanto é isto assim, que um vocabulo pôde ter uma só fôrma, e ser classificado em mais de uma especie.

Neste ponto, ainda foi arbitrario o sr. Julio

---

(1) *Diccionario de frei Domingos Vieira.*

Ribeiro. Tomou um termo de significação restricta, e deu-lhe, a seu talante, uma extensão, que, por fôrma alguma, lhe póde caber.

Se o termo *morphologia* quer dizer estudo das fôrmas dos vocabulos, pertence este estudo á parte mechanica ou material da grammatica; e, a ter de ser adoptado, devia se-lo, como synonymo de orthographia. visto ter esta parte da grammatica por fim indagar quaes as verdadeiras fôrmas graphicas dos vocabulos, considerados em relação com as fôrmas dos vocabulos das linguas de que se dirivam.

Dividindo o sr. Julio Ribeiro a *syntaxe* em *syntaxe de palavras* e em *syntaxe de proposições*, nada mais fez que *repetir* a divisão seguida por Sotero, a qual soube *atubar* com os termos pomposos de *syntaxe lexica* e *syntaxe logica*.

No uso desta nomenclatura, ainda foi infeliz o sr. Julio Ribeiro, por que *syntaxe logica* é um *pleonasm*o grosseiro. Não é possivel que haja syntaxe que não seja logica; e isto pela simples razão de basear-se em principios bebidos na logica.

Finalizando este artigo, occorre-me perguntar o que succederá aos rapazes, ao estudarem a divisão que da grammatica faz o sr. Julio Ribeiro, e que é uma verdadeira *grammaticiuce*? Não fu-

*girão da escola, como o diabo da cruz, porque não terão mais tino, para assim obrar, mas serão conduzidos para uma casa de orates.*

*(Provincia de S. Paulo, de 29 de Dezembro de 1879.)*

AUGUSTO FREIRE DA SILVA.



### Noticia do «Diario de Campinas»

Recebemos do sr. Julio Ribeiro a seguinte communicação:

«Os meus pobres artigos sobre *Grammatica Portugueza*, publicados no *Diario de Campinas* e transcriptos em S. Paulo na *Constituente* e na *Provincia*, foram honrados com umas respostas espirituosissimas pelo illustrado sr. dr. Augusto Freire da Silva, professor cathedratico de Portuguez no Curso de Preparatorios annexo á Faculdade de Direito de S. Paulo.

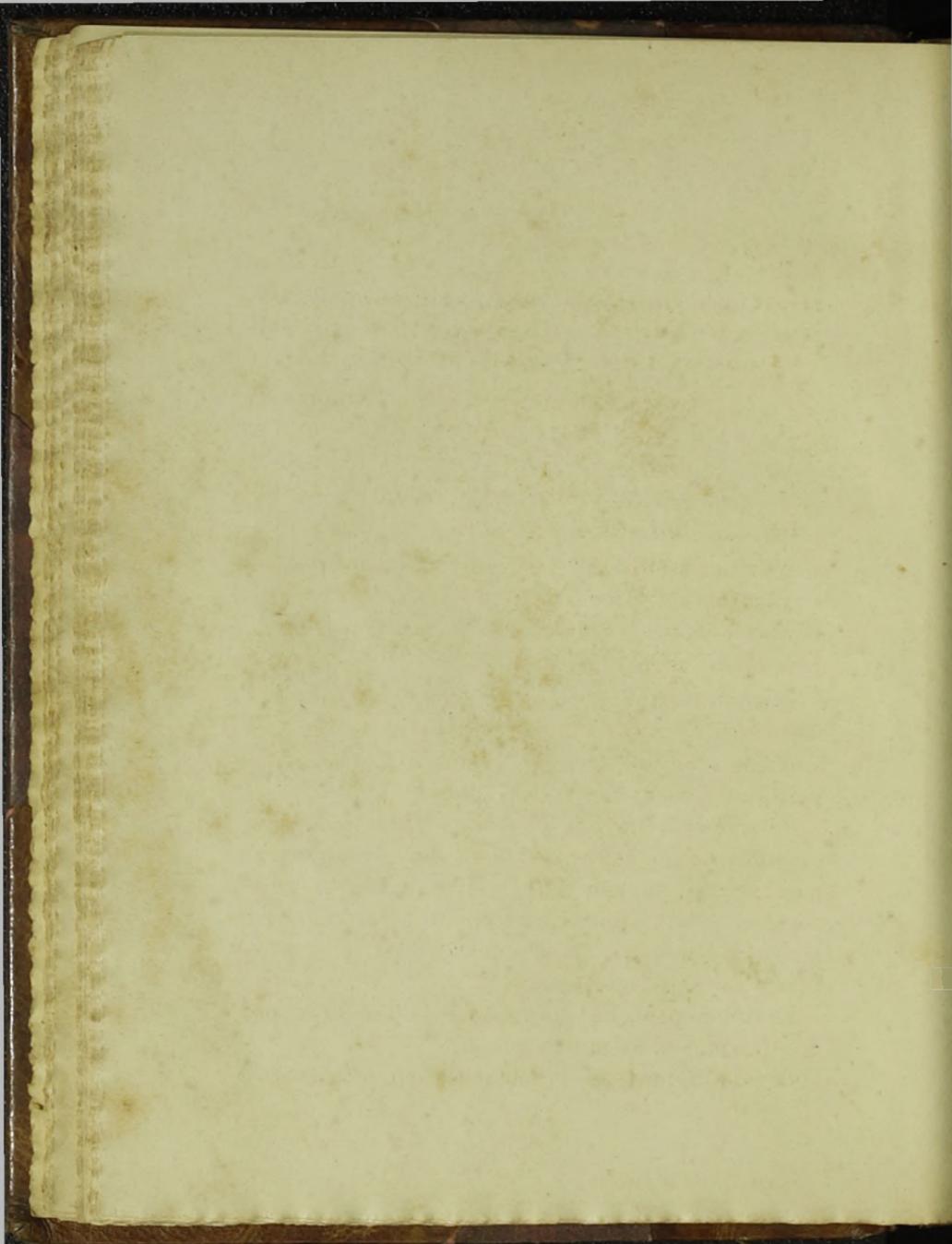
S. s. parece que tem em vista continuar com essas respostas: aguardo a conclusão de seus artigos para, com a devida venia, apresentar algumas considerações sobre o assumpto.

Desde já, porém, agradeço a s. s. o favor que me dispensou, julgando meus escriptos dignos de serem contestados.

JULIO RIBEIRO.»

(*Diario de Campinas*, de 30 de Dezembro de 1879.)

— 252 —



Breves reflexões suggeridas pela leitura dos artigos sobre philologia publicados pelo sr. Julio Ribeiro.

### III

Diz o sr. Julio Ribeiro :

« Vamos adubando com muita subtileza soporifica um mixtiforio de *orações absolutas, principaes, approximadas, incidentes, integrantes, restrictivas, explicativas.*»

O modo manco, por que se acha feita esta nomenclatura da theoria das proposições, dá lugar a não se saber ao certo qual seja o grammatico, para quem foi talhada a carapuça.

Por fallar nella em *orações absolutas e approximadas*, expressões de que, em grammaticas portuguezas, só usou Sotero, ou aquelles que têm seguido suas opiniões, parece-nos que allude o sr. Julio Ribeiro á divisão das proposições, adoptada por este grammatico.

Estamos, pois, na obrigação de defendel-a, por acceitarmol-a, ha muito tempo.

Divide Sotero as proposições em *absolutas e*

*subordinadas*; e subdivide aquellas em *principaes* e *approximadas*, e estas em *circumstanciaes completivas* ou *integrantes*.

As *incidentes* que se subdividem em *explicativas* e *restrictivas*, são uma especie das *circumstanciaes*, das quaes o são ainda as *conjunctivas*, as *infinitivas*, sempre ligadas por uma preposição, e as *proposições participio*. Das *completivas* ou *integrantes* são especies as *subjunctivas*, as *interrogativas*, e as *infinitivas* ligadas, ou por uma preposição, ou pelo verbo no infinito.

As proposições que Sotero chama *absolutas* são as mesmas que Noel e Chapsal chamam *principaes*, que são por estes subdivididas em *principaes absolutas* e *principaes relativas*, e por aquelle em *absolutas principaes* e *absolutas approximadas*.

A unica differença que ha entre estas duas opiniões, está nos termos que adoptaram, para designarem esta especie de proposições; na substancia a doutrina é a mesma.

Serão estes grammaticos francezes *irrationaes*, queremos dizer, terão feito esta classificação *com toda a irrationalidade*?

Em abono delles, falla bem alto o numero de edições que tem tido sua grammatica. O exemplar

que temos presente, é da quinquagesima quinta edição, que foi dada á estampa em 1874 !

Esta opinião é ainda seguida por Poitevin.

Não citamos a Girault Duvivier, que tambem a adoptou, de receio de molestar o sr. Julio Ribeiro.

Póde o *seu bom senso desfeitoado ver-se obrigado a cobrir o rosto*. Mas não nos podemos furtar ao prazer de citar o sr. Theophilo Braga, auctor dilecto do sr. Julio Ribeiro, que segue a mesma doutrina.

Diz o sr. Theophilo Braga :

« A reunião de duas ou mais proposições simples, póde dar-se : 1º ou ficando ellas *independentes entre si*: *Passei, vi, gostei* : etc.»

O que são *proposições independentes entre si* ? O que são as proposições, *cheguei, vi, gostei*, consideradas em relação umas com outras ? Não será a primeira *absoluta principal*, e as duas seguintes *aproximadas* ou *relativas* ?

Para sustentarmos a doutrina das *subordinadas*, não é preciso muito. O mesmo sr. Theophilo Braga encarrega-se disso.

*Repetindo* o que disse o sr. Auguste Brachet, na sua *Nouvelle Grammaire Française*, sobre a qual calcou a sua *Grammatica Portugueza Elementar*, admite o sr. Theophilo Braga, *com toda a racionalidade*, proposições *subordinadas*, que

subdivide em *completivas* ou *indispensaveis* e *circumstanciaes*; e de que, como especies, apresenta as *proposições participio*, as *infinitivas*, as *conjunctivas*, as *relativas*, que são o mesmo que as *incidentes*, já *explicativas*, já *restrictivas*, e as *integrantes*; se bem faça dellas um verdadeiro *mixtiforio*, porque não descremina as que são subdivisões das *circumstanciaes*, das que o são das *completivas*.

A doutrina das proposições, abraçada por Sotero, e por elle brilhantemente explicada, em que peze ao sr. Julio Ribeiro, assenta em principios inconcussos, visto como, pela ordem, geração e successão natural das idéas, o periodo composto, ou consta só de proposições absolutas, que, por enunciarem juizos absolutos ou *independentes entre si*, ligam-se, sem exercerem umas nas outras influencia alguma, e sem se dar entre ellas regra alguma particular de syntaxe; ou consta de proposições absolutas e subordinadas, sendo estas das que dependem, ou simples *circumstancias*, ou partes essenciaes.

Sem o conhecimento de uma theoria perfeita e summamente philosophica, como esta, não se póde tecer bem o periodo composto; e isso porque, por meio della, é que conhecemos as rela-

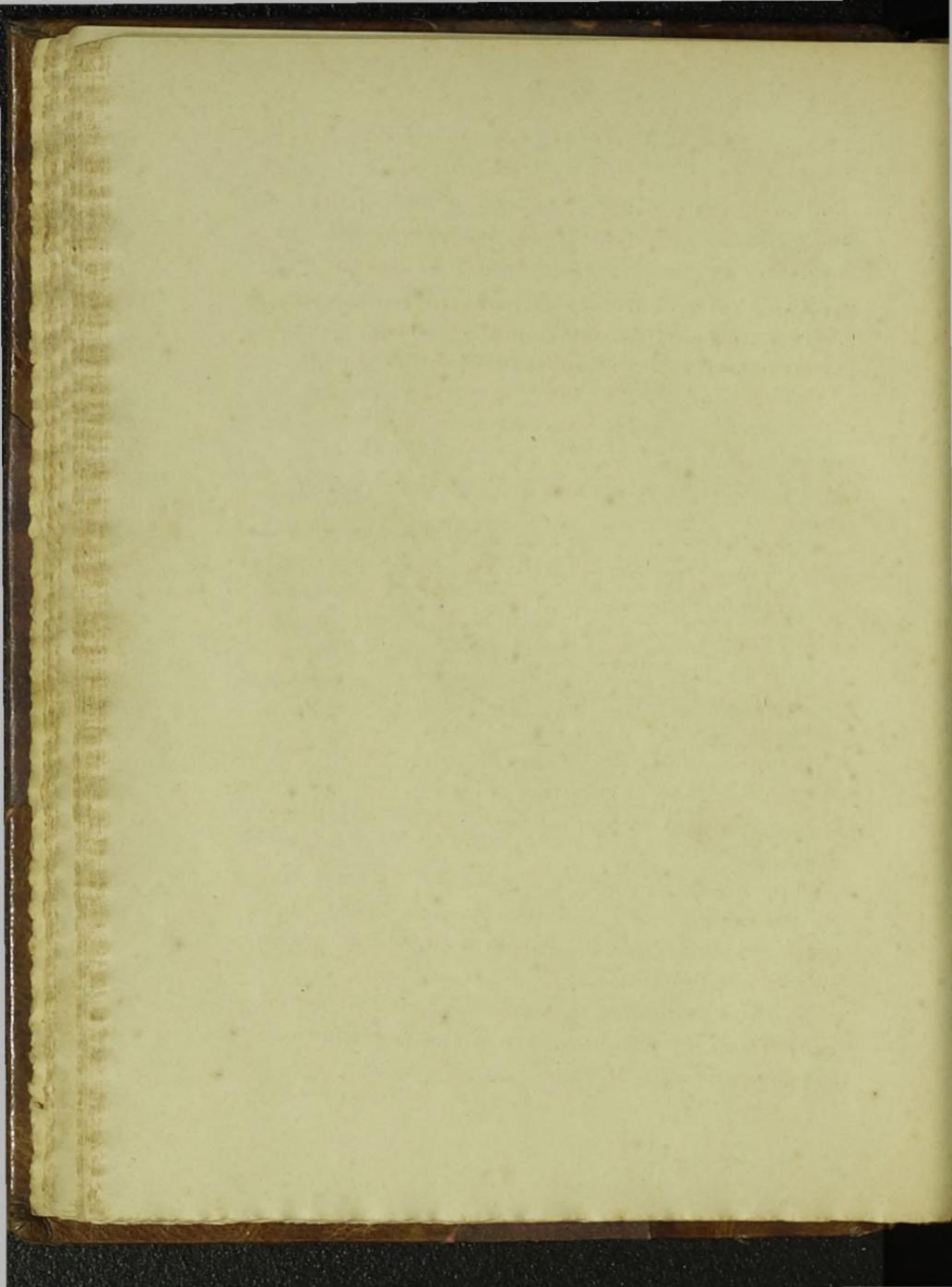
ções de nexos, concordancia e dependencia, em que estão umas proposições para com outras.

O seu descønhecimento, ao envez, é que tem dado logar a nos classicos encontrarem-se periodos incompletos, ou construidos por um modo todo enrevesado; e a muitas vezes usarem mal dos signaes de pontuação, mormente do ponto e virgula e dos dous pontos.

(*Provincia de S. Paulo*, de 31 de Dezembro de 1879.)

AUGUSTO FREIRE DA SILVA..





Breves reflexões suggeridas pela leitura dos artigos sobre philologia publicados pelo sr. Julio Ribeiro.

IV

« *Grammatica geral* é a sciencia dos principios immutaveis e geraes da palavra pronunciada ou escripta em todas as linguas.

*Grammatica particular* é a arte de applicar aos principios immutaveis e geraes da palavra as instituições arbitrarías e usuacs de qualquer lingua.»

Com que pretensão, depois de um pequeno trecho em estylo sybillino, manda o sr. Julio Ribeiro que afundem em paz as duas definições ácima exaradas!

Mais rápida não foi a submersão do exercito de Pharaó no mar Vermelho, quando, a um simples aceno de Moysés, voltou o curso das aguas ao seu estado normal.

Não, não afundaram, nem para salvarem-se do *vergonhoso naufragio* se faz mister o grande nome do *grande Du Marsais*.

Salvam-n'as a verdade (1) que encerram, e que as fez serem abraçadas por Beauzéc, Douchet, Girault Duvivier, Bescherelle, Leger Noël, Sotero e outros.

Expliquemo-las.

Todo o homem pensa.

Na elaboração do pensamento, procede sempre o entendimento ás mesmas operações.

Estas operações são enunciadas, observando-se sempre os mesmos principios.

Quer, por exemplo, um homem, seja qual fôr a sua patria, lingua ou raça, enunciar um juizo, ha de necessariamente faze-lo, como o têm todos feito, desde que ha humanidade, por meio de tres termos: pelo *subjeito*, representado pelo substantivo ou algum dos seus equivalentes, que designa a pessoa ou cousa a que se attribue alguma qualidade; pelo *attributo*, representado pelo adjectivo qualificativo, ou cousa que o valha, que exprime a qualidade que se attribue ao subjeito; e pelo *verbo*, que affirma que a qualidade existe no subjeito, ou lhe convém.

A propriedade que tem o substantivo de desi-

---

(1) Ha aqui uma desconcordancia: não corra ella por nossa conta, mas sim por conta do auctor do artigo, ou do revisor da *Provincia*.

*Nota do Revisor.*

gnar a pessoa ou cousa, a que tem o adjectivo qualificativo de exprimir a qualidade, e a que tem o verbo de afirmar a existencia da qualidade na substancia ou no sujeito, são factos de eterna verdade, que nunca mudam, que são sempre observados por qualquer individuo da especie humana na enunciação do pensamento, e que dizem respeito ao mesmo pensamento de que seguem a analyse, e são o resultado.

Consequentemente são taes propriedades principios immutaveis e geraes da palavra pronunciada ou escripta em todas as linguas ; e constituindo o conjuncto de todos estes principios a sciencia grammatical ou a *grammatica geral*, perfeita é a definição, que della dá Du Marsais, já *sob o ponto de vista pratico*, porque, assim explicada, *fica o alumno sabendo quaes sejam os principios immutaveis e geraes da palavra*, já *sob o ponto de vista scientifico*, porque baseia-se em doutrina philosophica.

Perguntamos nós agora: Exerce alguma influencia na immutabilidade destes principios o *desenvolvimento do cerebro*? O *adulto como a criança*, um *cidadão de hoje como um burguez da idade média* deixariam por ventura de observar taes principios, toda a vez que tivessem de enunciar o seu pensamento?

Divergem sensivelmente as linguas umas das outras, conforme sua indole.

umas tem casos, outras suprem-n'os pelas preposições com seus complementos, ou possuem ao mesmo tempo casos e preposições; tal tem muitos modos; ha dellas que contam apenas dous; esta é summamente pobre em fórmias verbaes, aquella é de uma riqueza admiravel nellas; a maior parte tem artigo, muitas, ao contrario, não o possuem.

Tomemos para exemplo a lingua latina e a nossa.

O Latim exprime as relações de dependencia entre as palavras pelos casos, possui verbos passivos, não tem artigo nem infinito pessoal, colloca as palavras em ordem transposta, etc.

O Portuguez, com quanto della proceda, exprime, com poucas excepções, as relações de dependencia entre as palavras, por meio das preposições com seus complementos, não tem verbos passivos, possui o artigo e o infinito pessoal, na collocação das palavras, observa a *lei de posição*, etc.

Estas divergencias constituem outras especies de principios, designados na definição de *grammatica particular*, pelas expressões *instituições arbitrarías e usuaes de qualquer lingua*, por se-

rem de uma verdade hypothetica, ou dependente do arbitrio dos povos que os adoptaram, ou puseram em uso.

Além destas divergencias, outras se dão na mesma lingua de seculo para seculo, por que apraz ao uso modificar ou abandonar praticas já estabelecidas.

Exemplifiquemos.

Tempo houve em que o plural dos nomes acabados em, *s*, formava-se da mesma maneira, por que formamos hoje o plural dos que terminam em, *r* ou *z*; e dizia-se, *alfereses*, *ouriveses*, em lugar de, *alferes*, *ourives*, como actualmente dizemos.

Assim tambem, com o correr dos tempos, muitos nomes que eram de um genero, passaram a ser de outro; e verbos que eram regulares, converteram-se em irregulares, e vice-versa.

O estudo de cada lingua consiste no conhecimento destes principios ou instituições arbitrarías e usuaes, applicadas ou accommodadas aos principios immutaveis e geraes da palavra.

A arte, pois, que assim os ensinar, será a *grammatica particular*, que, com toda a mestria, foi definida por Du Marsais.

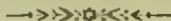
A' vista do que hei exposto, devem desapparecer os escrupulos do sr. Julio Ribeiro em accei-

tar as expressões *principio geral* e *principio particular*.

Se isto, porém, não é bastante, appellemos para a logica, onde se ensina que, no raciocinio por indução, se parte de um *principio particular* para um *geral*, como, por exemplo, depois de haver observado o peso de muitos corpos, se conclue que todos os corpos são pesados; e que, no raciocinio por dedução, se parte de um *principio geral*, para um *particular*, como quando de uma lei da natureza, ou um axioma mathematico, se chega a uma de suas applicações.

(*Provincia de S. Paulo*, de 6 de Janeiro de 1880.)

AUGUSTO FREIRE DA SILVA.



## Noticia do «Diario de Campinas»

O nosso collaborador, sr. Julio Ribeiro, enviarnos a seguinte carta :

« Illms. srs. redactores do *Diario de Campinas*.

Graças á indulgencia de vv. ss., tiveram inserção em suas *Notas Quotidianas* uns artigos que escrevi sobre Grammatica Portugueza.

Não eram artigos de combate, não visavam á polemica : eram apontamentos ligeiros que só tinham em mira demonstrar que sobre Grammatica ha ainda muito por fazer entre nós.

Que havia de acontecer?

A transcripção desses artigos em duas folhas da capital trouxe a terreiro o illustre sr. dr. Augusto Freire da Silva.

Entendeu s. s. que devia romper lanças pelo fossil systema grammatical que s. s. perfilhara, e que eu tivera a ousadia de atacar.

Esteve e está no seu direito, como estou eu no meu em responder a s. s.

Vou responder.

O caso é, pois, de polemica.

Ora as *Notas Quotidianas* constituem conjunctamente com os *Ekhos e Factos* a parte editorial do *Diario*.

Meus artigos, a continuarem nessa secção, estabeleceriam uma como solidariedade de opiniões entre mim e a redacção, tolhendo-me em certo modo.

Mas a redacção é, como deve ser-o, absolutamente neutra em questões desta natureza.

Peço, pois, a vv. ss. que transfiram meus artigos para uma outra secção, em que eu, sob minha unica responsabilidade, tenha o campo absolutamente desembaraçado.

Acato muito ao sr. dr. Augusto Freire da Silva, como acato a todo o homem que cumpre com seus deveres, que procura ser util á causa da humanidade.

Merece-me tambem consideração a sua Grammatica, porque representa somma de trabalho, e tolo o trabalho é respeitavel.

Entendo, porém, que ella não está a par do progresso do tempo, e que não ensina o que ha de melhor na sciencia, como diz com toda a convicção o autor.

E isso vou demonstrar.

Responderei primeiramente ás arguições de

s. s., e depois entrarei em uma analyse rapida dos ensinamentos de sua Grammatica.

E dou-me a este trabalho porque entendo com o grande philologo brasileiro, Pacheco Junior, que «as luctas feridas no campo da intelligencia são sempre proveitosas ás lettras. »

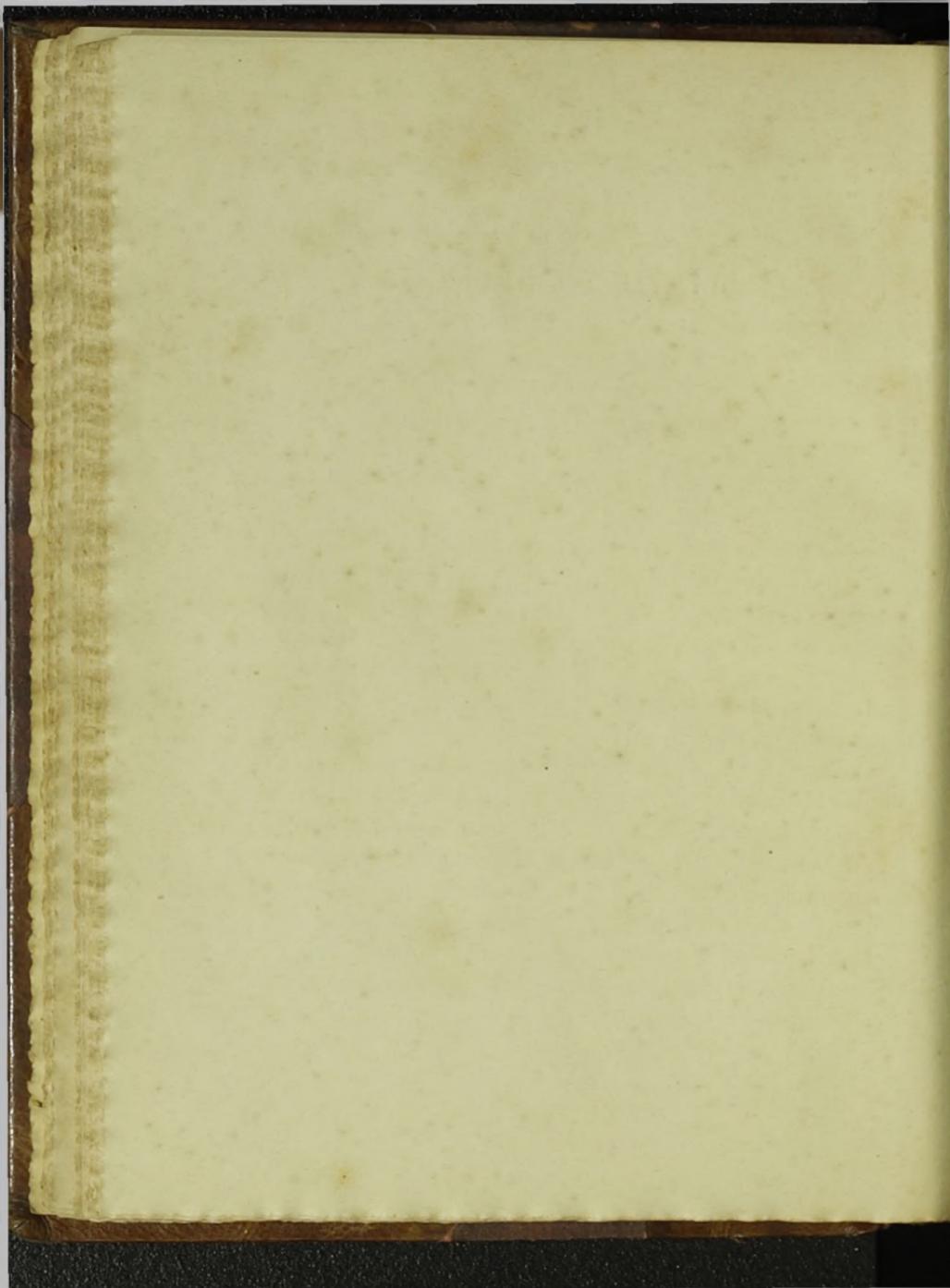
Enviarei amanhã a vv. ss. o meu primeiro artigo.

5 de Janeiro de 1880.

JULIO RIBEIRO.

(*Diario de Campinas*, de 6 de Janeiro de 1880.)

*— e —*



## QUESTÃO GRAMMATICAL

### I

*Causa patrocínio non bona peior erit.*  
OVIDIUS (*Trist. Lib. I.*  
Eleg. I, vers. 18).

Uns toscos artigos meus sobre Grammatica, publicados no *Diario de Campinas* e transcriptos na *Constituente* e na *Provincia de S. Paulo*, mereceram resposta por parte do sr. dr. Augusto Freire da Silva, professor cathedratico de Portuguez na Faculdade de S. Paulo.

O honramento foi grande.

Quando havia eu de esperar que um cathedratico abandonasse as suas lucubrações momentosas, sérias, pesadas, para vir quebrar lanças com a minha humilde individualidade, em um torneio grammatical?

Pois abandonou tudo, e veiu.

E de que modo, com que arsenal?

Lapidamente, ligeiramente, com espirito, com muito espirito.

S. s. de certo fez pouco no rabiscador, cuja ou-

sadia quiz castigar. S. s. provavelmente entendeu que a sciencia, de que faz alarde logo no começo de seu primeiro artigo, não deveria ser malbaratada; e tambem muito provavelmente julgou que bastaria aturdir a tão somenos adversario com algumas *piadas* brejeiras, esborrachando-o depois com a sua respeitavel assignatura...

E no prurido de *soltar piadas* s. s. desce até ao calão falista da discussão bordalenga.

E' formidavel, honra lhe seja.

Mas eu que portenço a uma classe de escrevinhadores petroleiros, iconoclastas, que, escravos sómente do bom senso, já de ha muito hastearam bandeira de revolta contra o *magister dixit*; eu que, como professor, si não acceito theorias auctoritarias de grandes mestres, só porque o são, curvo a cabeça e confesso-me vencido, quando levo um *quinau* de um discipulo; eu peço a s. s. a devida venia para me não considerar ainda esborrachado, para adduzir ainda em prol do que disse algumas considerações.

Tomo a liberdade de principiar.

O sr. dr. Augusto Freire da Silva nega a absoluta paridade entre a sua grammatica e a de Sotero dos Reis.

Diz mais que Sotero dos Reis e Soares Barbosa divergem em varios pontos, que têm opiniões

avessas entre si, que tractaram com desenvolvimento desigual esta ou aquella parte da grammatica, que a linguagem de um é abstrusa, que o estylo de outro é ameno, etc.

Tudo isto é verdade, e tambem nunca foi contestado.

No que o sr. dr. Freire repete a Sotero, Sotero a Barbosa, Barbosa a Lobato etc. etc. é no modo de conceber a grammatica como uma disciplina arida, auctoritaria, dogmatica; como uma instituição metaphysica existente *a parte rei*, como uma *essencia universal* do realismo escolastico; é em dividil-a irracionalmente em quatro partes; é em não discriminar os factos nas divisões; é em definir erradamente os mesmos factos; é em não applicar a seu estudo o methodo natural, o criterio scientifico, a analyse comparativa; é em não descobrir vida nos organismos lexicos; é em não demonstrar nessa vida o cumprimento fatal da lei da evolução, da lucta pela existencia, e a influencia profundamente modificadora do meio climatologico, do meio social; é, enfim, em estudar a grammatica hoje mais desastradamente do que era ella estudada no tempo de Aristoteles, ha mais de vinte e dous seculos.

Discipulos (alguns inconscientes) de Sanchez e de Scaligero, seguem as pisadas dos mestres, e

perdem-se em abstracções, divagando em torno da verdade sem nunca attingil-a.

Dous exemplos de entre muitos.

1) O sr. dr. Freire da Silva (1), Sotero dos Reis (2) e Lobato (3) fazem consistir na *affirmação* a idéia capital do Verbo.

Donde tiraram essa concepção falsa?

Da *Grammaire Générale et Raisonnée* (4) dos solitarios de Port Royal, que foram os primeiros a definir o Verbo—*un mot qui signifie l'affirmation*.

Ora esta definição é injustificavel.

*Affirmação* é evidentemente o opposto de *negação*: consiste a primeira em exprimir-se entre duas idéias (o sujeito e o predicado) uma relação de concordancia, e a segunda em exprimir-se entre essas mesmas idéias uma relação de discordancia—*o papel é branco, o papel não é preto*. São dous torneios ou duas fórmulas recebi-

(1) *Compendio da Grammatica Portugueza*, 3ª edição, S. Paulo, 1879, pag. 87.

(2) *Grammatica Portugueza*, 2ª edição, Maranhão, 1871. pag. 38.

(3) *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*, Paris, 1837, pag. 74.

(4) Paris. 1660. Segundo uma nota do sr. dr. Freire (*Gram. Port.* pag. 13) deprehende-se que elle pensa que *Port-Royal* era o nome dos grammaticos!!!

das pelos nossos conhecimentos ou pelos nossos juizos, em virtude da diversidade de relações que concebemos entre dous termos.

Uma destas fôrmas, a *afirmação*, não é mais essencial ao juizo do que a outra, a *negação*; porquanto a natureza do juizo consiste na percepção de uma relação qualquer entre duas idéias, seja ella de concordancia, seja de discordancia. Si se faz consistir a natureza do Verbo na *afirmação*, claro está em vista do que fica dito, que não haverá mais Verbo em uma proposição negativa, ou então que haverá uma *afirmação* expressa pelo Verbo e uma *negação* expressa pela particula negativa, o que fará com que nada haja, a final de contas, porque uma destróe a outra.

Demais, linguas ha em que o Verbo tem duas fôrmas, uma para *afirmar* e outra para *negar* (1): a mesma palavra na fôrma negativa deixaria então de ser Verbo.

Si se sustentasse (o sr. dr. Freire sustenta) que nas proposições negativas se *afirma a negação*, a resposta seria que ha nisso confusão de idéias e de palavras: na mesma proposição nunca se *afirma* uma *negação*, nem se *nega* uma *afirmação*;

---

(1) BURGRAFF, *Principes de Grammaire Générale*, Liège, 1865, pag. 348.

enuncia-se ou uma *afirmação*, ou uma *negação*.

Soares Barbosa (1) attribue sómente ao indicativo a *afirmação*; applicuem-se-lhe a doutrina os mesmos raciocínio; *mutatis mutandis*, e ver-se-á que o erro é o mesmo, embora mais restricto.

2) O sr. dr. Freire, Sotero dos Reis e Soares Barbosa formularam sobre o emprego do infinito pessoal e do impessoal umas regras que, benza-as Deus, deram resultados muitos chinfrins.

*Primo*, as taes senhoras regras fizeram com que Soares Barbosa, Aulete, Sotero e outros achassem erro em Camões no verso

«Folgarás de veres a policia»

e em muitas outras passagens identicas.

Ora Camões usou muitissimo bem do infinito pessoal nesta e em outras similhantes phrasas, e o erro é dos grammaticos alludidos, sómente delhe.

*Secundo*, ainda as mesmas regras levaram o sr. dr. Augusto Freire da Silva a commetter um solecismo palmar logo na segunda linha da primeira definição que se encontra em sua Grammatica.

(1) *Grammatica Philosophica*, Lisboa, 1871, pag. 133.

E os apuros do illustrado cathedratico patenteiam-se na differença de texto que existe entre as duas ultimas edições de sua obra na passagem alludida.

De que não será capaz a metaphysica?

Bem fez Lobato que sobre usos de infinito pessoal não disse palavra.

Agora tenho certeza de que estará anciadissimo o sr. dr. Freire por saber quaes as regras exactas para o uso correcto dos infinitos portuguezes.

Por modestia não lh'as digo: ficar-lhe-á mais airoso aprender de Diez do que de mim.

As regras acham-se no terceiro volume da *Grammatica das Linguas Romanicas* (1), pag. 202.

• Antes de passar além, os grammaticos metaphysicos são mesmo uns homens levadinhos da breca: vimos ha pouco o desplante com que Sotero, Barbosa *et reliqua* foram acoimar a Camões de incorrecto. E' velha a balda de inventar regras para depois abitolar por ellas escriptores que as não conheceram, e que, quando as conhecessem, as não praticariam, por serem ellas contrarias ao genio dos idiomas de que se serviam

(1) Traducção franceza de Morel Fatio e Gaston Paris, Paris, 1876.

elles. O bom do Roborelo tambem teve para si que Sanchez era mais entendido na póda em materia de latinidades do que Cicero e Varrão. « *De estar a Latina (grammatica) reduzida a arte ha tantos annos, escreveu o homem (1), e ir-se sempre aperfeiçoando. podemos dizer que soube Francisco Sanchez Brocense mais grammatica em nossos tempos que Cicero e Varrão, columnas da lingua, nos seus que lhe precederam 1610 annos.* »

Porque, porém, estou eu a fallar em Lobato e Roboredo etc., si o sr. dr. Freire com a mais adoravel ingenuidade confessa a sua ignorancia castissima a respeito de taes grammaticos?

Não fallarei mais, e isto por deferencia a s. s.

Varie-se um pouco o thema: a proposito de um gracejo meu de mau gosto sobre Affonsinhos, Noé, Mathusalem etc. faz o sr. dr. Freire uma tirada gaiata, que só se lendo.

E' realmente engraçada.

Falla na arca de Noé, falla no Diluvio Universal, falla na Divindade a ensinar por troça Portuguez ao pae Adã, falla na destruição pelo Diluvio das grammaticas antediluvianas, falla em mais outras cousas facetas de quilate muito fino.

(1) *Methodo Grammatical*, Lisboa, 1619, Prologo.

Pena foi que para achar pretexto para tudo isso o sr. dr. Freire me emprestasse bondosamente cousas que eu nunca escrevi.

Eu, por exemplo, não disse que era repetição de repetição tudo o que vinha á luz em Portuguez sobre *Grammatica Portugueza*; mas sim o que vinha á luz em Portuguez sobre *Grammatica*.

Ora o próprio sr. dr. Freire estabelece differença entre *Grammatica* e *Grammatica Portugueza*.

E' até na definição de *Grammatica* que vem o tal erro cabelludo de s. s. no uso do infinito pessoal.

Conclue s. s. que fica falseada a publicação de minha grammatica comparada: que s. s. assim pense comprehende-se. Em todo o caso agradeço-lhe a *reclame*.

No primeiro artigo de s. s. vem este trecho :

« O primeiro ( Soares Barbosa ), *sobre uma linguagem arida e ás vezes abstrusa*, tem opiniões inteiramente avessas ás de Sotero que prima pela clareza e por um estylo ameno e agradável. »

Ea entendi que s. s. queria dizer que « Soares Barbosa, *sobre usar ou além de usar* de uma linguagem arida e ás vezes abstrusa, etc. »

Mas eu tenho um discipulo muito original e

muito cabeçudo, que está certo de que s. s. falla aqui em Vasconço, e de que essa *linguagem arida e por vezes abstrusa* SOBRE A QUAL Sotéro « que prima pela clareza e por um estylo ameno e agradavel » e Soares Barbosa têm « opiniões inteiramente avessas » é Vasconço : pensa mais o endiabrado rapaz que s. s. nos dá aqui de leve, delicadamente, a noticia de uma renhida questão philologica entre Soares Barbosa e Sotéro dos Reis sobre a negregada lingua que tanto fez snar o topete a Estevam de Fosses no processo do Conde de Chalais (1).

S. s. é que ha de saber ao certo si errei eu, ou si errou o meu discipulo.

Agora peço licença ao sr. dr. Augusto Freire da Silva para fazer aqui ponto, guardando para amanhã o ajuste de contas a respeito de suas *reflexões* sobre theorias de divisão grammatical, não minhas, mas apenas expostas por mim.

( *Diario de Campinas*, de 8 de Janeiro de 1880. )

JULIO RIBEIRO.

---

(1) HOVELACQUE ET VINSON. *Etudes de Linguistique et d'Ethnographie*, Paris, 1878, pag. 232.

II

*Causa patrocínio non bona peior erit.*

OVIDIUS (*Trist. Lib. I*  
*Eleg. I, vers. 18*).

Abre o sr. dr. Augusto Freire da Silva o seu segundo artigo com uma explicação muito prolixa e todavia muito abstrusa de. « como tem sido entendida » a divisão da Grammatica em *Prosodia, Orthographia, Etymologia* e *Syntaxe*.

Em todo o correr de sua preleção gasta o illustrado cathedratico tempo e tinta em affirmar, affirmar e affirmar sempre. Raciocínios fundados na observação conscienciosa da natureza dos factos linguisticos, na historia das palavras, no seu valor etymologico, isso é que s. s. não adduz.

Tambem para que ?

Como muito bem disse o sr. Theophilo Braga (1) taes categorias são irrationaes, e raciocínios não têm que ver com o que é irracional.

---

(1) *Grammatica Portugueza Elementar*, Porto. 1876, Advert. pag. IX.

Ora avalie a sr. dr. Freire.

« *Prosodia*, diz o seu idolatrado Sotéro ( 1 ) é uma palavra que quer dizer em Grego — *accento conforme o canto.* »

« *Prosodia*, escreve o rançoso Lobato ( 2 ), é uma parte da *Grammatica* que ensina a pronunciar as *syllabas* com o seu devido *accento.* »

« *Accentus dictus est ab accinendo*, explica Diomedes, *grammatico latino do seculo V* ( 3 ). *quod sit quasi quidam cujusque syllabæ cantus: apud Græcos ideo PROSODIA dicitur, quod PROSÁ-DETAI TAIS SULLABAIS.* »

« *Prosodia*, definem os lexicographos da *Lingua Grega*, é o tratado da *accentuação.* »

Querem s. s. que um termo de significação restrictissima, que diz respeito sómente á parte musical dos vocabulos, comprehenda, abranja todos os phenomenos phonicos da linguagem ?

Profundos pensadores deste e de outros seculos têm aceitado, diz s. s., a significação assim estirada do termo *prosodia*.

E' mandar ao penso taes pensadores. Tambem

( 1 ) *Grammatica Portugueza*, Maranhão, 1871, pag. 292.

( 2 ) *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*, Paris, 1837, pag. 145.

( 3 ) Edição de Pustsch, pag. 425.

o Padre Bento Pereira, que s. s. confessa não conhecer, chamou *Prosodia* a um enorme dicionario latino ( 1 ), a que seguem em appendice listas extensissimas de phrases e adagios portuguezes. Pois, porque o entendeu assim o Padre Bento Pereira, *Prosodia* significará dictionario?

Querer que *prosodia* signifique *tractado de sons* é o mesmo que chamar *punho á espada*, e *fundilho aos calções*.

Diz s. s. que eu sou arbitrario, que não sou methodico, que baralho idéias, que quero que *phoné* ( som ou voz ) signifique o mesmo que *graphé* ( escripta ) isto por dar eu a *Orthographia* como subdivisão da Grammatica, como parte da *Phonologia*.

*C'est trop fort!*

«*Orthographia*, defino Burgraff (2), é a representação correcta e exacta dos sons elementares da lingua fallada, por meio de certos signaes que chamamos *lettras*, e cujo conjuncto chama-se *alphabeto*.»

( 1 ) Obra rarissima hoje. Tenho um exemplar da nona edição, impressa em Evora no anno de 1723.

( 2 ) *Principes de Grammaire Générale*, Liège, 1863, pag. 154.

«A *Orthographia* estreitamente ligada à *Phonetica*, escrevem Guardia e Wierzeyski (1), é como a imagem da boa pronunção.»

Pois entenderá o sr. dr. Freire que a *representação dos sons* não faça parte do *tractado dos sons*, ou, substituindo os termos, que a *Orthographia* não faça parte da *Phonologia*?

Entende, entende. Tambem o Jesuita Hardouin entendia que a *Eneida* e as *Odes* de Horacio tinham sido escriptas por frades da Idade Media.

Que a *Orthographia* faz parte da *Phonologia*, e que não póde constituir divisão independente da Grammatica, é cousa assente entre os linguistas hodierno:.

O illustralissimo sr. dr. Antonio Zeferino Candido (2) chega a definir a *Orthographia*—*Arte da Prosodia*.

Lessina e Valle (3) definem: «FONOLOGIA—*quella parte della grammatica che tratta dei sumi, delle lettere e delle loro modificazioni, sostituzioni, permutazioni, trasformazioni, ecc.*

(1) *Grammaire de la Langue Latine d'après la Methode Comparative et Historique*, Paris, 1876, pag. 315

(2) *Gazeta de Noticias*, Corte, 3 de Setembro de 1879.

(3) *Dizionario Universale de Scienze, Lettere ed Arti*, Milano, 1875, art. *Fonologia*.

Poderia eu ainda citar por edições, por paginas, por linhas, a Bréal, a Max Muller, a Whitney, a Hovelacque, a Bopp, a Bastin, a Diez, a Pacheco Junior, a muitos outros; porém não o faço: creio estar provado que o sr. dr. Augusto Freire da Silva não me atacou a mim, expositor indouto mas fiel, porém sim que, em nome da rotina e do passado, atacou a sciencia e o presente.

Todavia não me furto ao prazer de citar uma auctoridade.

E com ella vou esmagar a opinião do sr. dr. Augusto Freire da Silva.

E' uma auctoridade de peso, é uma auctoridade official, é uma *auctoridade cathedratica*.

Saiba o sr. dr. Augusto Freire da Silva que essa auctoridade é...

Dil-o-ei?

E'...

Coragem! E' O SR. DR. AUGUSTO FREIRE DA SILVA!!!

S. s. começa a sua *Prosodia* tractando dos elementos graphicos das palavras, tractando das letras...

S. s. tem intuições da verdade, applica-a em parte na pratica, e por espirito de rotina combate-a em theoria...

Diz s. s. que eu devia querer que *Phonologia* significasse sómente *Tractado dos Sons*.

E' exactamente o que eu quero, não digo bem, é exactamente o que quer a linguistica.

*Phonologia* é o *Tractado dos Sons* da Linguagem, e divide-se em

1) *Phonetica* ou *Tractado dos Sons Elementares da Linguagem*.

2) *Prosodia* ou *Tractado do Accento Tónico*.

3) *Orthographia* ou *Tractado dos Sons da Linguagem, representados graphicamente*.

Examine-se agora o modo de pensar do sr. dr. Freire da Silva sobre *Morphologia*.

Diz s. s.: «O termo *Morphologia*, como se vê do seu elemento *morphé* (fôrma), designa o estudo das fôrmas dos vocabulos. Está este modo de entendel-o de harmonia com a sua accepção propria na qual significa a historia das fôrmas que pode tomar a materia.»

Substituído por outro o termo *historia*, usado mal na definição de Frei Domingos Vieira, subscrevo ao mais sem restrições.

Agora a discussão.

Toda a palavra compõe-se de dous elementos, um *idéiologico*, e outro *formal* (1).

O elemento idéiologico é a concepção da mente, é o *fundo*, é a parte essencial, é o escopo da Linguagem: o elemento formal é a vestimenta *physica*, é o *meio* da Linguagem.

Max Muller (2) mostra claramente que o elemento idéiologico de uma palavra reside na sua raiz, e que são elementos formaes não sómente as desinencias das declinações e conjugações, mas também *todas as lettras*, todas as *syllabas* que servem para marcar a *derivação*.

Um exemplo: em *fluir* (correr, escoar), segundo Max Muller, o elemento idéiologico ou radical está na raiz *flu*, e o elemento formal ou morphologico está na desidencia *ir*.

Mas com esta raiz *flu* e com as desinencias *encia*, *ente*, *ir*, *entemente* podemos organizar *fluencia*, *fluente*, *fluir*, *fluentemente*. E estas palavras não são todas da mesma especie: uma é *substantivo*; outra, *adjectivo*; outra, *verbo*, e outra, finalmente, *adverbio*. Temos, pois, de divi-

(1) BERGMAN: *Resumé d'Etudes d'Ontologie, Générale et de Linguistique Générale*, Paris 1875, pag. 319 a 321.

(2) *La Science du Langage*, Paris, 1876, pagina 261.

dil-as morphologicamente em classes, e a isto é que se chama *Taxonomia* ou *Classificação*, primeira parte da *Morphologia*.

As tres palavras *fluencia*, *fluente*, *fluir*, são variaveis, isto é, podem mudar de desinencia, flexionar-se: *fluencia*, *fluencias*; *fluente*, *fluentes*; *fluir*, *fluo*, *fluimos*, *fluia*, *fluíamos*, *fluiriamos*. O estudo destas flexões, destes elementos morphologicos, das leis que os governam constituem a *Kamponomia* ou *Lei da Flexão*, segunda parte da *Morphologia*.

A raiz *flu* é latina, equivale a outra tambem la ina *plu*, em Grego *plu*, em Sãoskrito *plu* ou *plav* ( 1 ).

A raiz é elemento idéiologico, não tem que ver com a *Morphologia*, responderão.

Seja.

E as desinencias ?

Como elementos formaes, têm ou não têm que ver com a *Morphologia* ?

Donde vieram ellas ?

*Mente*, por exemplo, será o ablativo latino de *mens*, como querem os linguistas, ou será o voca-

---

( 1 ) BOPP : *Grammaire Comparée des Langues Indo Européennes*, Trad. de M. Bréal, Paris, 1875 vol. I, pag. 262.

bulo celtico *ment* como pretendem alguns celto-maniacos ?

O estudo da origem destes elementos formaes constitue a *Etymologia* ou derivação, terceira parte da *Morphologia*.

Estas theorias são mais ou menos as seguidas por Max Muller, por Whitney, por Coelho, por Guardia e Wierzeyski, por Bréal, por Pacheco Junior, por todos os linguistas modernos.

Lessona e Valle (1), por exemplo, fallando de *Morphologia* dizem : « Questo vocabulo é stato pure applicato alla linguistica, ove indica lo studio della forma dei vocaboli e delle loro trasformazioni. »

E da *Etymologia* dizem (2) :

« Scienza che si occupa della investigazione delle origine delle parole. »

E admire-se ainda mais o sr. dr. Freire : o que impede o vocabulo *Etymologia* de desaparecer da Linguistica, é o ter elle em seu favor o consenso universal deste seculo. *Lexicogenia* seria termo muito mais proprio.

Escreve o sr. dr. Freire que o termo *Morphologia* « a ter de ser adoptado, devia sel-o como synonymo de *Orthographia* (!), visto ter esta

(1) Obra citada, pag. 942.

(2) *Ibidem*, pag. 524.

parte da Grammatica por fim indagar quaes as verdadeiras fôrmas graphicas dos vocabulos (!!!), considerados em relação com as fôrmas dos vocabulos das linguas de que se derivam (!!!!!!!).

Misericordia !

Com] que então só é *fôrma material* o que é graphico, o que é accessivel ao sentido da vista O que impressiona o ouvido não o é?

Estou quasi a pedir ao sr. dr. Augusto Freire da Silva que leia o que elle proprio escreveu nas linhas 13, 14 e 15 do mesmo seu segundo artigo .

Estou certo de que s. s. se deixará convencer por si proprio.

Diz o sr. dr. Freire que eu, dividindo a *Syntaxe* em *Syntaxe de Palavras* e em *Syntaxe de Proposições*, repeti a divisão seguida por Sotéro, a qual eu soube *adubar* com os termos pomposos de *Syntaxe Lexica* e *Syntaxe Logica*.

A expressão *adubar* é pittoresca ; rescende a cozinha. S. s. ao escrever o artigo tinha de certo acabado de almoçar de garfo, e sentia ainda no paladar o ardor das pimentinhas e o almiscarado do caril.

Que lhe fizesse muito bom proveito.

S. s. sabe que a terminologia scientifica hodierna é toda tirada do Grego : eu andei com a moda, fiz como Hæckel, pilhei da cozinha grega os meus adubos.

Não acha s. s. que fiz bem ?

Quanto a seguir eu na divisão da *Syntaxe* o que seguiu Sotéro, tenho a perguntar : queria s. s. que o homem andasse sempre a errar, que não acertasse ao menos uma vez ?

Com isto provo que a minha opposição a Sotéro é razoavel e não systematica : não rejeito o que é bom só porque Sotéro o acceitou.

Diz mais s. s. que eu fui infeliz no uso da minha nomenclatura, que commetti um *pleonasm*o grosseiro (que represalia), que não ha *Syntaxe* que não seja *logica*, e isso pela simples razão de basear-se toda a *syntaxe* em principios bebidos na *logica*.

Lavraria mesmo um tento o sr. dr. Freire ?

Apanhar-me-ia em falso ?

Vamos a ver .

*Logiké* em Grego não é substantivo, é a terminação feminina do adjectivo *Logikós*, *logiké*, *logikón*, que significa *pertencente á fallu*, ao *discurso em prosa* ; oppõe-se a *Poietikós*, ou a *Mousikós*.

Foi nesse sentido que o empregou Diogenes Laerte, escriptor grego do seculo III, no Liv. V, 85. Para que *Logiké* signifique *arte de pensar* é preciso que se subentenda o substantivo *Tekhné* ( arte ).

Já se vê que o qualificativo empregado por mim não se deriva do nome da *arte de pensar*; mas sim, que o nome da *arte de pensar* é que se deriva do qualificativo empregado por mim.

Veja s. s. a palavra *Logikós* no *Dictionnaire Grec-Français* de Alexandre. Eu não gosto desse dicionário; aconselho-o, porém, por ser o que s. s. poderá achar com mais facilidade.

Fica, pois, provado

- 1.º) que s. s. não lavrou o tento;
- 2º) que não me apanhou em falso;
- 3º) que não houve *pleonasm*o *grosseiro* da minha parte;
- 4º) que houve *cinca* por parte de s. s.

Agora peço licença ao sr. dr. Augusto Freire da Silva para fazer ponto aqui, guardando para amanhã umas « breves reflexões suggeridas pela leitura de varias regras e doutrinas da *Grammatica* de s. s. »

(*Diario de Campinas* de 10 de Janeiro de 1880.)

JULIO RIBEIRO.



III

*Causa patrocinio non bona peior erit.*

OVIDIUS (*Trist. Lib. I.*

Eleg. I, vers. 18).

Como é fossil o ensino official !

Pelo ultimo artigo publicado na *Provincia* vê-se que o sr. dr. Augusto Freire da Silva, em materias de linguistica e de grammatica, está atrasado cem annos ou mais.

Suppõe e affirma s. s. que a linguagem articulada, producto da evolução do cerebro humano, funda-se em principios invariaveis, existentes metaphysicamente *ab eterno*.

Ignora s. s. que o enunciado do juizo por meio de um *sujeito*, de um *verbo* e de um *predicado* não é, e nem pôde ser factó de *eterna verdade*,

que tal enunciado é uma fôrma MERAMENTE TRADICIONAL (1).

Ignora s. s. que o homem começou a exprimir-se por *adjectivos* (2), que os *adjectivos* concretaram-se em *substantivos* (3), que os *substantivos* *crystallisaram-se* em *verbos* (4).

Falla s. s. no *arbitrio dos povos* em questões de linguística!

Que ignorancia de biologia, de anthropologia, de mesologia!

Em todos os modos, em todas as relações do viver sociologico nada ha de arbitrario, de livre: tudo depende da *evolução* fatal do cerebro e da influencia do *meio*. A *evolução* linguistica é producto necessario de leis inexoraveis, inquebrantaveis (5).

E a deploravel confusão de principios com factos, a dar em resultado a ridicula expressão — *principio particular!*

---

(1) MAX MULLER, *Science du Langage*, Paris, 1876, pag. 463.

(2) BURGRAFF, *Principes de Grammaire Générale*, Liège, 1865, pag. 217.

(3) *Ibidem*.

(4) BERGMANN, *Resumé d'Études d'Ontologie Générale et de Linguistique Générale*, Paris, 1875, pags. 199, 200 e 259.

(5) MAX MULLER, *Obra citada*, Lição 9ª.

Oh! este desconchavo attentatorio do bom senso é condemnado pelas definições dos lexicographos, é garrotado até pela suada e estafadissima *logica*, que ensina que na indução parte-se de *factos* para se chegar a *principios*.

Em abono dos rudimentos da sciencia hodierna, que o sr. dr. Augusto Freire da Silva innocentemente ignora, poderia eu fazer mostra de erudição, citando trechos e trechos de J. Muller, de Max Muller, de Burgraff, de Whitney, de Hovelacque, de Broca, de Letourneau, de Bréal, de Topinard, de Hæckel, de Darwin, de Tylor, de Lubbock, de Gama Rosa, de muitos outros.

E não citaria de outiva.

Relembraria apenas as continuas leituras, a que me impelle o desejo ardente que tenho de diminuir o mais possivel a minha profunda ignorancia.

Meu fim, porém, não é provar que tenho lido muito: com tal prova nem eu lucraria, nem lucraria a humanidade.

Meu fim é mostrar que o ensino official, cathedratico, privilegiado já não pôde mais, sem estribar-se na sciencia, oppôr-se ao tentamen dos que acompanham o seculo, dos que querem ser uteis á causa do progresso, que é a causa da humanidade.

Ataquei theorias escolastico-metaphysicas, theorias adoptadas e peoradas por Sotero dos Reis (1), e sahiu-me pela frente o sr. dr. Augusto Freire da Silva, Professor Cathedratico de Portuguez na Faculdade de S. Paulo.

E de que modo veiu s. s.!

Com affirmações infundadas, robustecidas apenas por sua respeitavel assignatura; com gracejos charros; com adjectivos maldosos; com citações vagas, e na mór parte da surrada matula expulsa já do templo da sciencia.

Responder, proffigando a insciencia, ó mais do que o meu direito, é o meu dever.

Vejo, porém, que perco o meu trabalho em rasgar a s. s. o horizonte das idéias novas: a

---

(1) «La Grammaire Particulière est l'art de «faire concorder les principes immuables et «généraux de la parole prononcée ou écrite AVEC «LES INSTITUTIONS arbitraires et usuelles d'une «langue particulière». DUMARSAIS, reproduzido por Girault.

«Grammatica Particular é a arte de applicar «AOS PRINCIPIOS IMMUTAVEIS e geraes da pala- «vra AS INSTITUIÇÕES arbitrarías e usuaes de «qualquer lingua. SOTÉRO.

Dumarsais, si fosse medico, não applicaria de certo chagas a unguentos.

assimilação dessas idéias não se faz de jacto, exige annos de digestão.

Vou analysar cruamente alguns dos muitos ensinamentos falsos da *Grammatica* do sr. dr. Freire da Silva.

Tomal-os-ei aqui e alli, conforme se me depararem no abrir eu, ao acaso, o seu livro.

A edição de que me vou servir é a terceira, publicada ultimamente em S. Paulo.

Pag. 151:

« Diz-se que o verbo está na *voz passiva* quando exprime a acção do sujeito, fazendo-a recahir sobre o mesmo sujeito. Ex: Pedro é estimado por mim. »

Segundo a definição o sujeito faz a acção, e esta recai sobre elle proprio.

Ora, no exemplo—*Pedro* é o sujeito; logo é Pedro quem faz a acção.

A acção recai sobre o mesmo sujeito; logo o exemplo deveria ser:— *Pedro* estima *Pedro* —, ou mais correctamente:— *Pedro* estima-se —.

Mas isto é *voz reflexa* e não *passiva*.

Porque não definir:—A voz passiva mostra uma acção que, partida de agente extranho, é soffrida ou recebida pelo sujeito?

Mason (1) define philosophicamente: «A voz passiva é constituída pelas fôrmas de um verbo, que indicam que o sujeito da sentença está como o objecto da acção descripta pelo verbo. Ex.: O rato *foi comido* pelo gato».

Pag. 179 e 180

«O verbo concorda com o sujeito simples em numero e pessoa, accommodando-se a elle pela fôrma, ex.

*O homem pensa.*

*Eu delibero.*

Exceptuam-se os seguintes casos:

1º) Quando o attributo é um substantivo do plural, o verbo *ser* concorda com o attributo e não com o sujeito. Exs.

A renda de Pedro *são mil escudos.*

O que mais me agrada *são as pinturas.*»

Esta excepção é um disparate.

Os exemplos são constituídos por proposições em *ordem inversa* que se reduzem facilmente á *ordem directa*:

« Mil escudos são a renda de Pedro.

As pinturas são o que mais me agrada.»

---

(1) *English Grammar*, London.

---

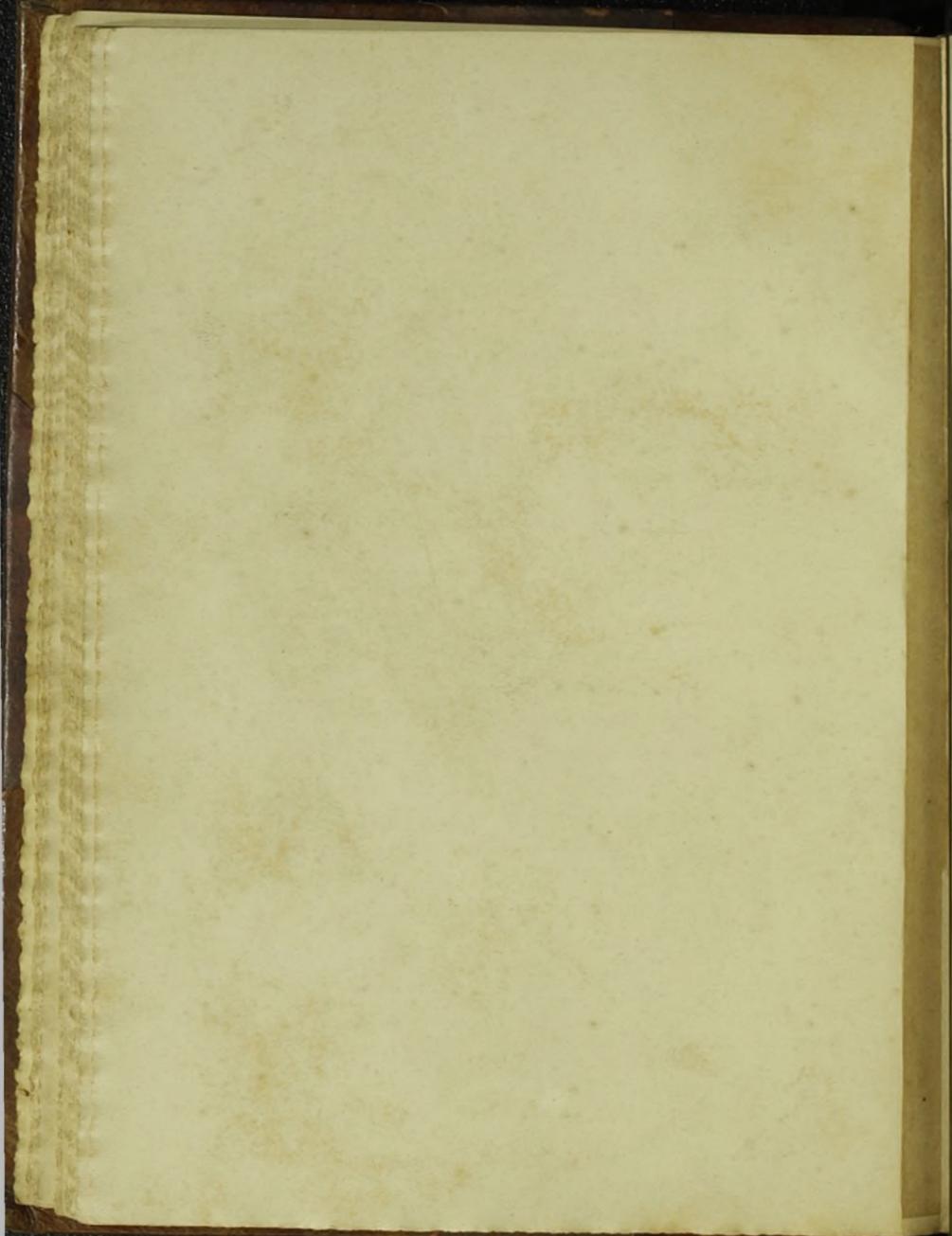
« *Mil escudos* » e « *as pinturas* » são os sujeitos, e, longe de haver excepção, confirma-se a regra. Segundo o modo de pensar do sr. dr. Freire em

« Bom é o rei »

*bom* seria o sujeito, e *o rei* seria attributo!!!  
Voltarei amanhã.

( *Diario de Campinas*, de 10 de Janciro de 1880 ).

JULIO RIBEIRO.



IV

*Causa patrocinio non bona peior erit.*  
OVIDIUS (*Trist. Lib. I.*  
Eleg. I, vers. 18.

Continuo a joeirar o *Compéndio da Grammatica Portugueza* do sr. dr. Augusto Freire da Silva.

Pag. 69:

« *Pronome pessoal* é o que se põe em lugar do nome ou do sujeito, indicando ao mesmo tempo a pessoa grammatical deste. »

O sr. dr. Freire, restringindo a significação do substantivo *pronome* por meio do qualificativo *pessoal*, dá a entender que ha *pronomes* que não são *pessoaes*: todavia, fóra disto, não nos dá s. s. a mais simples indicação da existencia de taes pronomes.

E os *pronomes demonstrativos, conjunctivos, etc.*?

Amontoa-os s. s. no armazem dos *adjectivos determinativos*.

E o que resulta de tal arranjo?

Resulta que *este, esse, aquelle, que, qual etc.*

ficam sendo *sempre adjectivos*, embora empregados sósinhos na oração, embora usados *em logar do nome*.

E ainda não é tudo.

*Quem, isto, isso, aquillo* ficarão também considerados como *adjectivos*.

E de facto, a pag. 81 e 82 do *Compendio*, estão elles com todas as letras, em pleno goso do direito de *adjectivos*.

Mas s. s. define o *adjectivo* (pag. 71): «um nome que *se junta ao nome appellativo* para o qualificar ou determinar».

Pois que se juncte—*quem, isto, isso, aquillo*—*adjectivos* do sr. dr. Freire, a um substantivo appellativo qualquer, a *mestre*, por exemplo.

Que dará tal junção?

Dá — *quem mestre, isto mestre, isso mestre, aquillo mestre!!!!!!*

E' isto «o que ha de melhor na sciencia, e que nos ensina» o sr. dr. Freire da Silva!!!

Pag. 80;

Diz s. s.: «Divide-se este adjectivo (o determinativo) em *articular, conjunctivo, numeral, quantitativo, possessivo*. »

No *demonstrativo* não falla s. s., não o convida para a dança, e apesar disso o tal sr. *demon-*

*strativo*, ignorantão das regras da etiqueta, apparece na pag. 82 sem ser convidado, sem dizer donde vem, e vai com toda a sem cerimonia dividindo-se e subdividindo-se, como si estivera em casa do sogro.

Benza-o Deus.

Na pag. 82 cita o sr. dr. Freire uma nota de Sotéro em que se ensina que *o*, *a* vem do demonstrativo latino *is*, *ea*, *id*.

E' um erro.

Vem de *hoc*, *hac*, ablativos de *hic*, *hœc*, *hoc* pela queda de *c* final (1).

A citação de Burnouf feita na mesma pagina merece um *transeat* daquelles que sabiam dar os velhos dialecticos: não tem applicação.

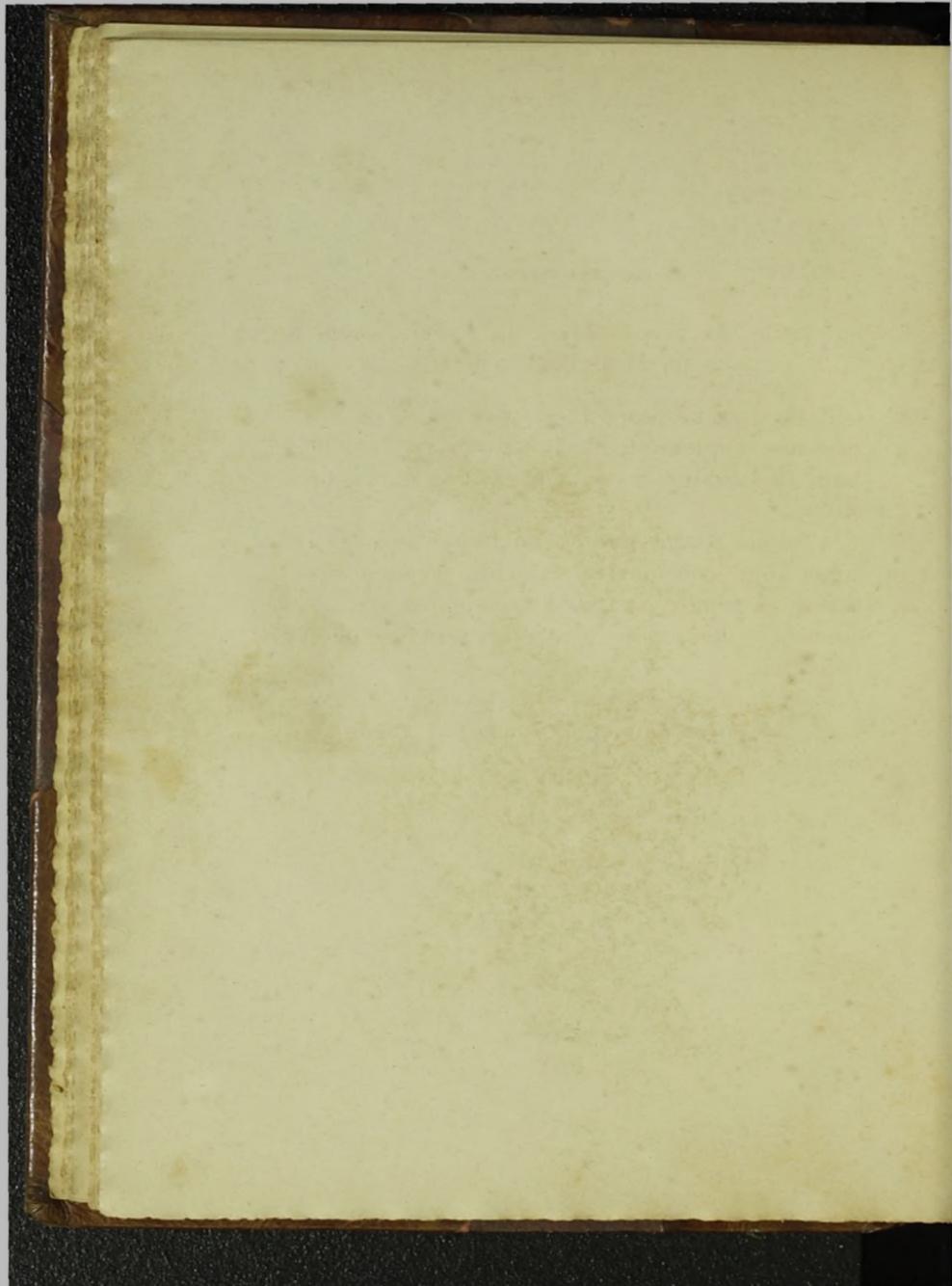
*O*, *a*, *os*, *as*, pronomes pessoaes em relação objectiva, foram tomados de *hoc*, *hac*, *hos*, *has*, como *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, pronomes pessoaes em relação subjectiva, foram tomados de *illo*, *illa*, *illos*, *illas*..

Voltarei terça-feira.

(*Diario de Campinas*, de 11 de Janeiro de 1889.)

JULIO RIBEIRO.

(1) LEONI, *Genio da Lingua Portuguesa*, Lisboa, 1858, pag. 202.



## Ao Publico

(Artigo da *Secção Livre da Provincia de S. Paulo*, de 11 de Janeiro de 1880.)

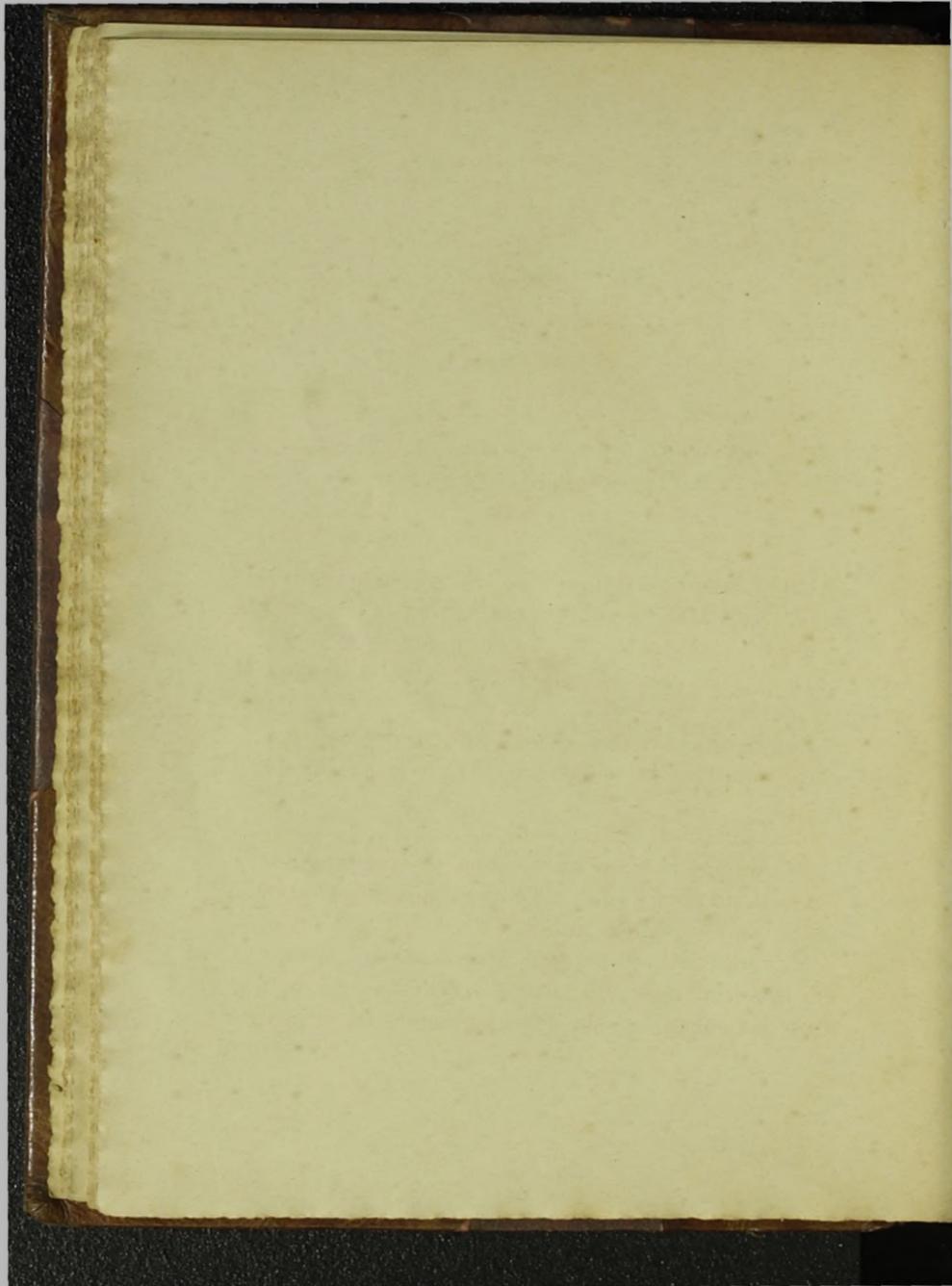
Estavamos no proposito de não deixar sem discussão qualquer doutrina, que pelo sr. Julio Ribeiro fosse adduzida em opposição ás nossas opiniões.

A feição, porém, que tomou a nova série de artigos, que, com o titulo *Questão Grammatical*, está publicando, no *Diario de Campinas*, o mencionado senhor, força-nos a pôr termo ás nossas reflexões.

Nesses novos artigos *eleva-se* tanto o nosso contendor, que não nos é possível lobrigal-o mais.

S. Paulo, 10 de Janeiro de 1880.

AUGUSTO FREIRE DA SILVA.



## Ao Publico

(Artigo da *Secção Livre do Diario de Campinas*,  
de 14 de Janeiro de 1880.)

Ultimamente publiquei eu, no *Diario de Campinas*, uns artigos sobre grammatica.

Nesses artigos eram impugnadas doutrinas bolorentas, consolidadas entre nós pela desidia rotineira.

Em desaggravo das *velhas* offendidas sahiu a campo na *Provincia* o sr. dr. Augusto Freire da Silva.

S. s. foi infeliz.

Julgou que ia bater as opiniões de um mestre-eskhola de aldeia, ganhando com pouco trabalho um triumpho esplendoroso.

Mas eu provei-lhe que o meu modo de pensar em materias de grammatica baseava-se no ensino dos corypheus da sciencia moderna, e pro-

vei mais alguma cousa, como bem o sabem os leitores do *Diario*.

E ainda não é o melhor.

S. s. quiz *fazer espirito*, quiz divertir-se á mi-nha custa.

Estava no seu direito: *trahit sua quemque vo-luptas*.

Ora, eu que sou alegre por indole, que abhorreço de morte as questões soporificamente sérias, fol-guei de que s. s. tivesse dado tal face á pole-mica, e repliquei, rindo-me tambem um pou-coquinho.

S. s. formalisou-se todo, e, pela *Provincia* de ante-hontem, declarou que se retirava da arena, isso porque eu me *elevava* tanto que s. s. não me podia mais lobrigar.

Posta de parte a malicia do grypho, s. s. disse uma verdade.

Meus artigos não foram respondidos, porque eram irrespondiveis.

S. s. escapou por uma tangente: foi um pouco tarde, mas ainda serviu.

Si algum amigo deu-lhe conselho, merece esse amigo agradecimentos, porque o conselho foi bom (1).

---

(1) Um amigo deu de facto o conselho adivi-nhado: foi o sr. Tarquinio da Silva, distincto professor residente hoje em Santos.

---

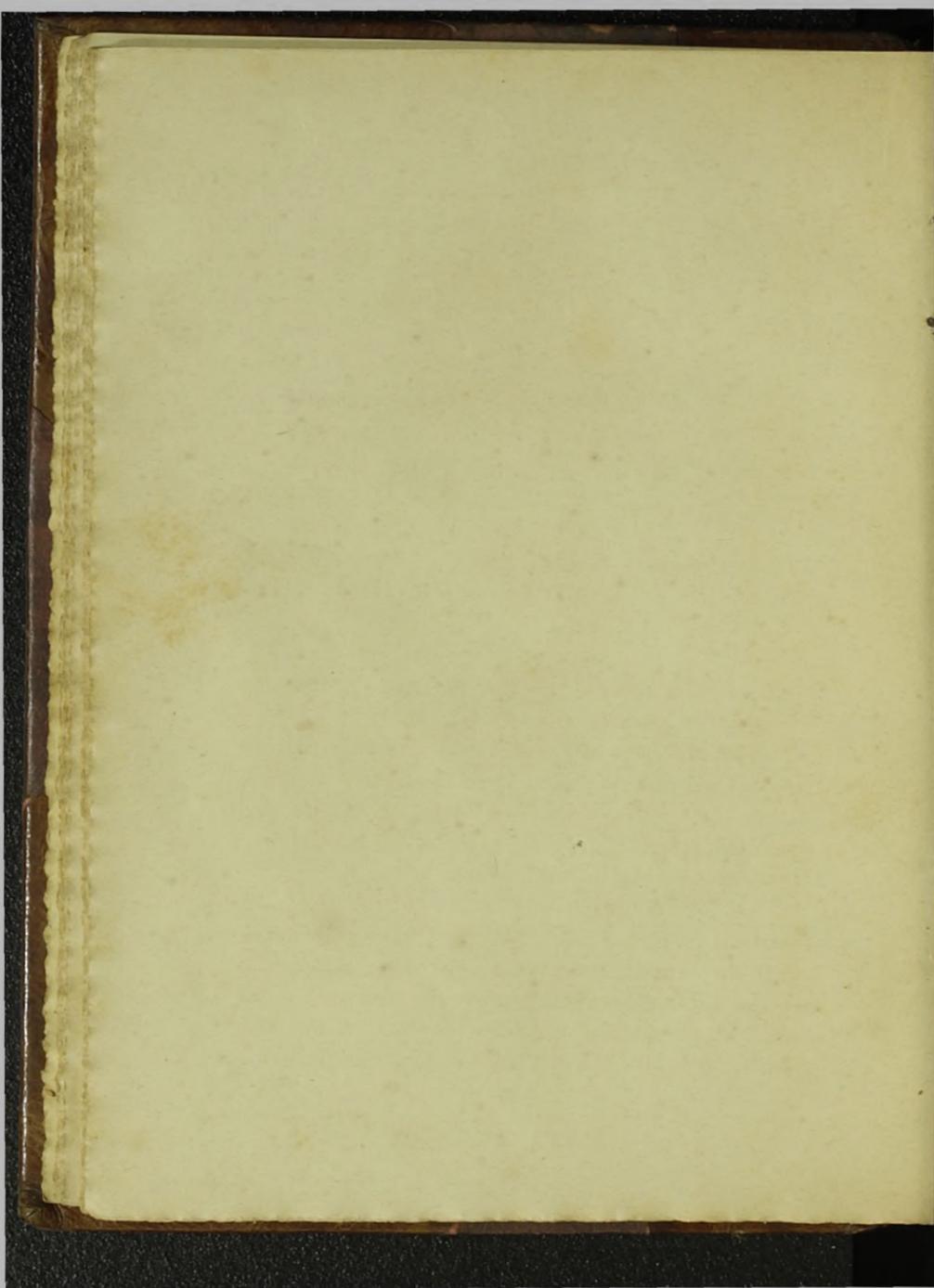
Talvez que eu ainda alargue mais o círculo de nossos juizes, fazendo tirar em folheto toda a discussão (1).

Campinas, 13 de Janeiro de 1889.

JULIO RIBEIRO.

---

(1) Cumpre-se hoje (30 de Maio de 1887) a encanecida promessa: pede-se desculpa pela demora.



*Causa patrocinio non bona peior erit.*

OVIDIUS (*Trist. Lib. I.*  
Eleg. I, vers. 18).

Vou por diante com a analyso de doutrinas da  
*Grammatica* do sr. dr. Augusto Freire da Silva.

Pag. 127:

«Os verbos irregulares ou são *accidentalmente irregulares* ou *essencialmente irregulares*.

*Verbos accidentalmente irregulares* são aquelles cuja pronuncia não é alterada pelas modificações que soffrem em sua fórma, como *eleger*, que, sem dar alteração de som, soffre em *eleio*, *eleja*, *elesus*, etc. a mudança do G em J.»

O sr. dr. Augusto Freire da Silva, que dá como epigrapho á sua obra um trecho da *Educação* de Garrett, ha de certamente ter lido nessa mesma *Educação* o seguinte que faz muito ao caso: «O verdadeiro systema de grammatica de-vera ser o de simplificar: mas parece que acinte-

mente não tractam sinão de augmentar entidades e fazer difficultoso o que é simples e facil, multiplicando termos e categorias de divisões e subdivisões em cousas que as não precisam.»

Ha de ter lido mais que «ha muitos verbos que não são irregulares sinão em mui poucos tempos, e que facilmente se fazem entrar nas conjugações regulares.»

Pois si assim é, si muitos dos verbos *essencialmente* irregulares podem ser facilmente trazidos para o gremio dos verbos pacatos, ordeiros, burguezes, para que ha de s. s. ornar de fitas e guizos uma quantidade de verbos sisudos, que só suspiram pelo remanso do viver bonhacheirão do regularismo?

Valha-nos S. Cucufate!

Estou quasi a entregar a ferula a Soares Barbosa...

Entrego mesmo: hoje é elle quem casca o bolo.

Diz o velho grammatico (1):

«Nunca se devem confundir as consonancias com as consoantes, isto é. os sons elementares das consoantes com as letras consoantes que

---

(1) *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*, Lisb. MDCCCLXXI, pag. 187.

nossa orthographia usual empregou para as exprimir na escriptura. Si um som elementar sôa sempre o mesmo ao ouvido, quer se escreva de um modo, quer de outro, *para que se ha de fazer da irregularidade da escriptura uma irregularidade da conjugação?*

Por exemplo: as letras *c, g*, antes de *a, o, u* dão a mesma consonancia que *gu, qu* antes de *e* e *i*. Não se devia portanto dar por irregular uma caterva de verbos portuguezes em *car* e *gar*, como *julgar, ficar*, etc. pela razão de nossa orthographia se servir, não já destas figuras, mas das de *gu* e *qu*, para exprimir a mesma consonancia antes de *e* no preterito perfeito *julguei, fiquei*, e no presente do subjunctivo *julgue, fique*.

Da mesma sorte a letra *g* antes de *e* e *i* representa ao ouvido a mesma consonancia que exprime o nosso *j* consoante antes de qualquer vogal. Os verbos, pois, em *ger* e *gir*, como *eleger, fingir*, e infinitos outros desta especie não deviam ser contados por nossos grammaticos na classe dos irregulares, por se escreverem com *j* em logar de *g* quando se lhe segue *a, o*, como *elejo, finja*. A anomalia, assim como a analogia, está sempre nos sons da lingua, e não em sua orthographia; e, si de uma cousa se pôde argumentar para outra, é desta para aquella, e não

daquella para esta. Só esta observação restitue á classe dos regulares um grande numero de verbos *excluidos della SEM RAZÃO por nossos grammaticos.* »

Faço aqui ponto, guardando para novo artigo outras reflexões.

Vou de vagar: *paulatim ambulando longum conficitur iter.*

(*Diario de Campinas*, de 16 de Janeiro de 1880.)

JULIO RIBEIRO.

## Notas Quotidianas (1)

Travou-se uma questão nesta folha entre o nosso collaborador, sr. Julio, Ribeiro, e o sr. dr. Augusto Freire da Silva. Este cavalheiro respondia por uma folha da capital aos artigos do sr. Julio Ribeiro. Algumas das folhas dalli, note-se, transcreviam do *Diario* os artigos do nosso collaborador; mas depois, quando o sr. Julio Ribeiro dirigiu-se particularmente ao sr. dr. Freire em assumptos grammaticaes, essas folhas não reproduziram os artigos.

Porque?

O sr. dr. Freire, que conhecemos de tradição, é demasiadamente cavalheiro para fazer um pedido nesse ponto, e muito menos uma imposição. Não, não houve imposição nem pedido. Porque então a imprensa, a nobre imprensa, a grande imprensa, a livre imprensa, não publicou os artigos? Porque semelhantes restricções? Depois disto,izei-nos, que entendeis por—liberdade de pensamento?

---

(1) Este artigo é da penna de Henrique de Barcellos, então redactor do *Diario de Campinas*.

O pensamento deve ser livre quando vos convém?

Em caso contrario não deve haver liberdade de opinião?

As cousas affirmadas pelo sr. Julio Ribeiro são insensatas ou são injuriosas?

Dado o primeiro caso—expunha-se o auctor com as suas opiniões á risota do publico.

Dado o segundo, expunha-se á espada da lei.

Ora o sr. Ribeiro não produziu cousas insensatas, nem injuriosas; expoz o plano scientifico da grammatica que vai publicar, e respondeu com gracejos aos delicados debiques do seu contendor.

A nós outros, que dirigimos um jornal, cumpria abstrahir das personalidades, e publicar tudo.

Proceder diversamente é demonstrar quebra de imparcialidade, e intrometter-se indirectamente numa questão que devia ficar limitada aos dous cavalheiros de que tractámos.

Não se pense que com essas linhas que ahi ficam vimos angariar uma sympathia ou fazer *réclame*: suspeitar a primeira cousa é desconhecêr-nos. Quanto á segunda, nunca nos sujeitaríamos a esse papel subalterno. O nosso fim é mostrar que procedemos lealmente, sem denotar a minima parcialidade por qualquer dos contendores; é, finalmente, mais uma vez patentear

que pomos em pratica o grande principio da liberdade de pensamento—mesmo sem termos essa phrase impressa no alto destas columnas sinceras e independentes, verdadeiramente democratas e a todo custo verdadeiras.

De uma discussão litteraria ou scientifica só pôde resultar um bem—o conhecer-se o merito dos contendores. Deixemol-os, pois, discutir! Quem tiver merecimento, proval-o-á; e não hão de ser os debiques ou os doestos impressos na folha fugitiva de um periodico que lh'o hão de tirar.

Depois, nós, da illustre imprensa, democratas, sinão por todos os costados, ao menos pelo officio, não podemos usar da censura prévia—como a Santa Inquisição, e como os governos dos senhores reis que a terra já comeu.

Tentam provar a existencia da pedra philosophal? Pois tentem!

Querem analysar as especies vegetaes e animaes do periodo terciario? Pois analysem!

Querem repetir que Molière foi um genio, e que o sr. Taunay escreve maus romances? Pois repitam!

Querem louvar o governo porque mostrou energia, ou ataca-o porque espingardeou o povo? Pois deixem!

Liberdade ! Liberdade plena ! Liberdade scientifica, litteraria e politica ! Liberdade da asneira !

Não podemos, não devemos pôr o minimo óbice a isso, salvo dous casos—quando se tractar dos dogmas fundamentaes da religião, e quando se tractar de cousas feias...

Então não ha censura prévia. Ha simplesmente uma questão de respeito á lei, e uma questão de limpeza.

(*Diario de Campinas*, de 22 de Janeiro de 1880.)

FIM

## ERRATA

A pagina 25, linha 17, em vez de—  
*Voç é o som laryngeo de que serrem*  
*os animaes, etc.*.. leia-se—*Voç é o som*  
*laryngeo de que se serrem os animaes,*  
etc.

A pagina 37, nota, lê-se—*Respeitemos*  
*escrupulosamente, etc.* Corrija-se—*Res-*  
*peitámos escrupulosamente, etc.*

Sahiram mais varias incorrecções de  
pouca monta. que o leitor benevolo sa-  
berá indultar.

